

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

ASSÉDIO NOS ESTÁDIOS E O MACHISMO NO FUTEBOL BRASILEIRO
JAMILLE BULLÉ COSTA DANTAS

RIO DE JANEIRO

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

ASSÉDIO NOS ESTÁDIOS E O MACHISMO NO FUTEBOL BRASILEIRO

Monografia de graduação apresentada à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo.

JAMILLE BULLÉ COSTA DANTAS

Orientador: Profº. Dr. Fernando Ewerton Fernandez Junior.

RIO DE JANEIRO

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO ESCOLA
DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **Assédio nos estádios e o machismo no futebol brasileiro**, elaborada por Jamille Bullé Costa Dantas

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia 12 / 12 / 2017.

Comissão Examinadora:

Orientador: Profº. Fernando Ewerton Fernandez Junior

Doutor em Comunicação pela Escola de Comunicação - UFRJ

Departamento de Expressão e Linguagens - ECO/UFRJ

Profº. Flávio Nehrer

Mestre em Comunicação pela Faculdade de Comunicação - UERJ

Departamento de Expressões e Linguagens - ECO/UFRJ

Profº. Paulo Roberto Gibaldi Vaz

Doutor em Comunicação pela Escola de Comunicação - UFRJ

Departamento de Fundamentos da Comunicação - ECO/UFRJ

RIO DE JANEIRO

2017

FICHA CATALOGRÁFICA

DANTAS, Jamille Bullé Costa.

Assédio nos estádios e o machismo no futebol brasileiro. Rio de Janeiro, 2017.

53 f.

Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo) –
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação – ECO.

Orientador: Fernando Ewerton Fernandez Junior

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha avó Walcirene Bullé (*in memoriam*), minha primeira e melhor referência de mulher apaixonada pelo time de coração e, na minha opinião, melhor torcedora da história do Clube de Regatas do Flamengo.

AGRADECIMENTOS

A minha mãe, Janice, minha fortaleza, maior fã e incentivadora, por ter me ensinado a nunca desistir e ser forte a todo momento. Ao meu pai, Luiz Horácio, por embarcar em todos os meus sonhos acadêmicos, mesmo quando eles não eram o planejado. Sem meus pais, eu jamais chegaria até aqui. Obrigada por esse amor que existe antes mesmo do meu nascimento.

A minha avó Walcirene e meu avô Francisco, por sempre me tratarem como motivo de orgulho. Sim, o bebê de vocês cresceu, mas continua nutrindo um amor infantil por vocês dois.

Aos meus amigos do Cefeteq, especialmente Baetas, Carol, Diogo, Elisa, Isabela, Joanna, Juliana, Marcella, Marina, Mike, Rafael, Stella, Thaysa, Wesley, por torcerem por mim, formando a “Torcida Jovem Jamille”.

A todos os amigos da Eco que foram essenciais para que esses anos fossem mais leves. Em especial: Carol, pela amizade de antes da faculdade, corridas de mãos dadas para pegar lugar no metrô e imitações de estrangeiros; Nicholas, por todas as caronas, cantorias e desabaços na volta para casa; Laís, por me dar muita força nesse trabalho e orientar com tudo nessa vida, desde shampoos e roupas até ABNT e estruturalismo; Caio Brasil, por ser um amigo tão orgulhoso e companheiro de papo suburbano e papos filosóficos sobre a vida.

A Pedro, o melhor e mais amoroso companheiro que alguém poderia ter, por me apoiar incondicionalmente e acreditar tanto no meu potencial.

Ao professor Fernando Ewerton, por toda paciência, apoio e orientações essenciais para que este projeto ganhasse vida.

À UFRJ, por no passado ter sido a universidade onde sempre sonhei estudar e, a partir da agora, ser a universidade onde me orgulho de ter me formado.

DANTAS, Jamille Bullé Costa Dantas. **Assédio nos estádios e o machismo no futebol brasileiro**. Orientador: Fernando Ewerton Fernandez Junior. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo.

RESUMO

Este trabalho aborda a situação feminina nos estádios brasileiros e os assédios enfrentados por essas torcedoras, baseando-se nos resultados de uma pesquisa inédita elaborada especialmente para este estudo. Além disso, também há a análise de como os estereótipos criados ainda no século XX continuam enraizados na sociedade e perpetuados através do discurso do senso comum e da mídia. Um breve histórico das mulheres nas arquibancadas foi resgatado para uma associação com o presente, mostrando quais dificuldades ainda fazem parte do cotidiano dessas mulheres.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO

2 HISTÓRICO DAS MULHERES COMO TORCEDORAS

2.1 Estereótipos

2.1.1 A ignorante

2.1.2 A “tia”

2.1.3 A maria-chuteira

2.1.4 A musa

2.2 O estádio como um lugar “estranho” para as mulheres

3 METODOLOGIA

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Comportamento coletivo

4.2 Os estereótipos presentes nos resultados

4.2.1 A ideia de mulheres ignorantes ou desconhecedoras de futebol

4.2.2 Menor incidência de assédio entre as “tias”

4.2.3 A ideia de “maria-chuteira” nas ofensas

4.2.4 As cantadas como “elogios” às “musas”

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1 INTRODUÇÃO

A divisão dos papéis de gênero sempre deixou muito bem clara na história das sociedades quais funções homens e mulheres podem exercer, assim como os gostos que devem desenvolver. No caso dos esportes, boa parte dessas práticas se encaixa como tarefa voltada para o universo masculino. No futebol não é diferente. O esporte mais popular do país é constantemente descrito como uma atividade voltada ao público masculino, tanto na prática quanto nas arquibancadas.

No entanto, assim como em diversos segmentos da sociedade, as mulheres sempre marcaram presença no ambiente futebolístico. Recuperando imagens de competições que marcaram a história do futebol nacional, como a derrota da Seleção Brasileira para o Uruguai por 2 a 1 na Copa do Mundo de 1950 em pleno Maracanã, o conhecido episódio do *Maracanazzo*, é possível observar nas arquibancadas lotadas com 199.854 pessoas - o maior público da história do estádio - diversas moças e senhoras apreensivas e, após o apito final, desoladas com o que na época era a maior tragédia dentro de campo da história da Seleção. O abatimento e a tristeza dessas torcedoras evidencia o que ainda não é compreendido por todos: as mulheres também se importam com o futebol.

Apesar de todos os obstáculos e desconfiança encontrados, as mulheres vêm superando adversidades para fazerem parte da paixão nacional, afinal de contas, o futebol é capaz de encantar pessoas de todas as idades, classes sociais, gênero e orientação sexual. Prestigiar o esporte *in loco*, no entanto, não é uma tarefa tão simples para todos, seja por questões financeiras ou pelo preconceito que algumas minorias políticas enfrentam quando tentam se inserir em um ambiente que é visto como exclusivo de determinado grupo dominante. O estádio ainda é visto como um ambiente para exibição de características definidas como masculinas. Desta maneira, o local é tratado como voltado para o público masculino, ignorando completamente os desejos e opiniões das mulheres. O sistema de dominação em que a sociedade vive prega justamente a aceitação e resignação feminina às regras determinadas pelos dominantes, os homens (BOURDIEU, 2002). Felizmente, nem todas as torcedoras aceitam de braços cruzados esse tipo de imposição.

A ideia para o tema deste trabalho de conclusão de curso surgiu justamente por conta de uma motivação pessoal. Ir ao estádio é um dos programas favoritos dos apaixonados pelo futebol. Quando se é mulher, no entanto, a experiência é bastante diferente. Assistir a uma partida de futebol no local onde ela acontece significa correr o risco de enfrentar diversos tipos

de assédios, preconceitos e desrespeitos, principalmente no entorno e dentro dos estádios. O contato com alguns tipos de feminismo fez o que antes era considerado normal fosse visto como o que realmente é: um absurdo. Apesar das atitudes inconvenientes de muitos homens colaborarem para o afastamento de mulheres dos estádios, muitas torcedoras vêm se posicionando e exigindo que a arquibancada, um espaço que deveria ser democrático de maneira espontânea, seja um ambiente de respeito ao próximo e livre de abusos.

O interesse em compreender se os assédios nos estádios eram, de fato, uma realidade no cenário futebolístico nacional e a falta de informações sobre o assunto foram o pontapé inicial para que este trabalho fosse produzido.

Desta maneira, surgiu a ideia de produzir uma pesquisa voltada ao público feminino que frequenta partidas de futebol nos estádios do Brasil. As perguntas traziam a possibilidade de coletar dados pertinentes para a compreensão da ocorrência dos assédios nos estádios e a percepção das torcedoras sobre esses casos. Além disso, os depoimentos dessas mulheres poderiam ilustrar e enriquecer o debate sobre o comportamento masculino dentro do ambiente futebolístico do país.

O fato de se tratar de um estudo com a possibilidade de revelar informações nunca antes estudadas ou levantadas foi uma motivação a mais para que este trabalho fosse desenvolvido, já que realizá-lo pode trazer à sociedade uma questão relevante e até o momento pouco trabalhada, apesar de o futebol ser o esporte mais popular do país.

Este trabalho tem como objetivo trazer um levantamento inédito de números sobre assédios nos estádios brasileiros, algo bastante recorrente na realidade das torcedoras do país, mas ainda pouco abordado, tanto nos trabalhos acadêmicos quanto pela própria mídia. Além disso, este estudo também busca observar como algumas ideias pré-estabelecidas ainda no século XX podem influenciar e até incentivar determinados abusos dentro do ambiente futebolístico.

As fontes utilizadas neste trabalho foram livros, trabalhos de conclusão de curso, artigos acadêmicos, teses e páginas eletrônicas que pudessem colaborar para a melhor compreensão deste tema ainda pouco explorado. É importante destacar que estudos específicos sobre este tema são raros no Brasil, o que pode colaborar para que este projeto tenha uma importância maior no cenário acadêmico nacional.

No primeiro capítulo deste trabalho é traçado um breve histórico da presença feminina nos estádios de futebol do Brasil, desde o início do século XX, quando as moças da elite, principalmente carioca, eram bastante requisitadas para promover um ar sempre elegante às partidas, até os dias atuais, em que as torcedoras precisam lutar até mesmo para conseguir tocar um instrumento na bateria das torcidas organizadas. Boa parte do contexto histórico deste trabalho foi escrito através dos relatos sobre a história do futebol no Rio de Janeiro, local de ação dos dois principais autores utilizados neste capítulo. Vale destacar que até 1960 a cidade era a capital do país, além de sediar alguns dos principais clubes na época, o que faz crer que este recorte não prejudicaria na percepção de como o futebol era encarado no Brasil.

Nesta primeira parte do trabalho também são observadas e analisadas a construção de alguns estereótipos criados no século passado e consolidados ao longo dos anos, alguns deles alimentados, de maneira quase imperceptível, pelo discurso velado, mas amplamente divulgado pelos meios de comunicação no Brasil.

No segundo capítulo, é explicada a metodologia utilizada para a análise dos dados obtidos pela pesquisa elaborada especialmente para a realização deste trabalho. Nesta parte, é explicado qual método foi utilizado para a coleta de dados e quais foram os caminhos para recolher, separar, validar e analisar todas as informações que foram recebidas através da pesquisa online.

No terceiro e último capítulo, os dados recolhidos são apresentados e discutidos, buscando apresentar as hipóteses levantadas e os números obtidos através da pesquisa, tentando encontrar possíveis explicações nas referências bibliográficas que justifiquem a ocorrência de determinados comportamentos masculinos dentro dos estádios. Além disso, esta parte do trabalho também visa captar a percepção das torcedoras em relação ao ambiente que é tradicionalmente encarado como um lugar para homens e mostrar como as experiências vividas pelas torcedoras podem ser desagradáveis e até mesmo traumáticas para essas mulheres.

Este trabalho traz números tanto de questões mais objetivas, como a porcentagem de quantas mulheres já sofreram assédio e quais tipos foram, quanto de questões relativas à percepção das torcedoras, como o índice de mulheres que já se sentiram intimidadas por homens nos estádios pelo simples fato de serem mulheres. Este tipo de abordagem é importante para dar voz àquelas que sofrem com estes tipos de abusos, mas que ainda são pouco ouvidas quanto ao assunto.

Estudos como este são importantes para que cada vez mais mulheres se conscientizem de que os assédios nos estádios, apesar de recorrentes, não sejam tratados com naturalidade. Desta maneira, a expectativa é de que os resultados e conclusões deste trabalho tragam reflexões pertinentes que ajudem no empoderamento das torcedoras e no combate a esses casos de abusos.

2 HISTÓRICO DAS MULHERES COMO TORCEDORAS

Oficialmente criado na Inglaterra e trazido ao Brasil por Charles Miller no final do século XIX, o futebol foi adotado no país como uma "paixão nacional". A relação do brasileiro com o esporte vai muito além do jogo, saindo das quatro linhas para fazer parte da formação do povo. De acordo com Mauricio Murad (2007), o futebol pode ser apresentado como um "fato social total", conceito apresentado por Marcel Mauss em *Ensaio sobre a dádiva*, criado a partir do "fato social" de Émile Durkheim, que o trata como "coisa", objeto a ser estudado. Para Mauss (1974), o fato social total pode ser definido como um fenômeno complexo capaz de exprimir o conjunto das instituições e através do qual todo social pode ser observado. Ou seja, o futebol é uma maneira pela qual a vida social se exprime. Alinhado à ideia de futebol como fato social total, Roberto DaMatta (1982) afirma que o esporte é uma maneira de a sociedade se deixar perceber.

Por ser uma das expressões da sociedade, e assim como boa parte das atividades presentes na esfera pública, o futebol é historicamente visto como predominantemente masculino (DAMATTA, 1982). Quando chegou ao Brasil, o esporte era praticado apenas por homens ingleses e de famílias mais ricas. Na época, a presença das mulheres nos estádios era bem vista pela alta sociedade, como destacou Leda Maria Costa (2006).

Nas primeiras décadas do século XX, a presença de senhoritas da alta sociedade contribuiu muito para dar uma atmosfera fidalga ao esporte bretão associando-o à elegância, tranquilidade e beleza tornando-o, portanto, um esporte apropriado para as famílias mais abastadas (COSTA, 2006, p. 7)

Já Mario Filho (2010) relatou a presença - e a paixão pelo esporte - das torcedoras nos estádios ainda nas primeiras décadas do século XX.

Em certos jogos quase não se podia andar na arquibancada. A arquibancada perdendo aquele ar de sala de visitas em reunião familiar. Mas nem por isso com menos moças. Pelo contrário: tudo quanto era moça de sociedade não perdendo um jogo. Vestindo o seu melhor vestido, botando o seu melhor chapéu para assistir a um *match*. (RODRIGUES FILHO, 2010: 58)

Apesar de aceitas, as mulheres já carregavam um estigma de "adereço" nos estádios, algo ainda muito reforçado, até mesmo pela imprensa. Era - e ainda é - recorrente encontrar declarações de que as moças "embelezam" os estádios, uma fala que reduz a mulher ao papel de "objeto". Simone de Beauvoir (2016) destaca a maneira como as mulheres são vistas perante a sociedade: "O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro" (p. 13).

Mesmo ainda distantes do protagonismo no futebol, as mulheres também marcaram presença no surgimento das primeiras torcidas organizadas do país, no começo da década de 1940. Não somente como membros, mas também como líderes dessas agremiações. Bernardo Buarque de Hollanda (2009) relata o início das organizadas no Rio de Janeiro, e vale destacar a Torcida Organizada do Vasco (TOV), criada em 1944 por mulheres: Aída de Almeida fundou, junto a amigas, o grupo para incentivar o Vasco nas partidas de futebol. Poucos anos depois, na década de 1950, uma mulher assumiria a presidência da torcida - e se tornaria torcedora-símbolo do clube de São Januário. Dulce Rosalina se tornou presidente da TOV, cargo no qual permaneceu até 1977.

Mesmo se tratando de uma líder de torcida, a pioneira Dulce Rosalina não ficou livre de manifestações machistas. Em um período de surgimento de novos grupos organizados, que buscavam uma autoafirmação neste universo, torcedores insatisfeitos enviavam mensagens à seção de cartas do *Jornal dos Sports*, chamada “Bate-Bola”, criticando a atuação de Dulce e fazendo diversas alegações, incluindo declarações preconceituosas pelo fato de a chefe ser mulher.

As alegações para a exclusão da sua liderança eram as mais diversas e compreendiam interesses pessoais, relações políticas no clube, declarações inapropriadas na televisão, concessão de espaço às novas gerações e até preconceitos contra sua condição feminina (BUARQUE DE HOLLANDA, 2009, p. 237)

Em uma das declarações selecionadas pelo autor, um torcedor escreveu a seguinte frase: “Onde já se viu torcida comandada por mulher. Ela devia estar em casa, cuidando dos filhos”¹. Na mensagem, é reproduzido o discurso de estereótipo de gênero, no qual às mulheres cabe somente a participação na vida privada.

Para Flávia Biroli (2014), os papéis que são atribuídos às mulheres, como o cuidado com o lar e com os filhos, “colaboram para que a domesticidade feminina fosse vista como um traço natural e distintivo, mas também como um valor a partir do qual outros comportamentos seriam caracterizados como desvios” (p. 32). Ou seja, com a naturalização do cuidado doméstico como papel feminino, a atuação em uma atividade na esfera pública, principalmente por se tratar de um papel de liderança de uma torcida organizada de futebol, um ambiente visto como masculino, o comportamento de Dulce foi visto como desviado.

¹ *Jornal dos Sports*. 5 de março de 1970, p.6

Buarque de Hollanda (2009) cita outras mulheres que alcançaram papéis de liderança dentro de grupos organizados, mas não deixa de destacar que a presença delas já era encarada como desvios do padrão convencional apresentado na época - e pode-se afirmar que ainda é na atualidade, visto que é raro encontrar torcedoras como líderes de torcidas organizadas.

No quadro brasileiro há um outro ponto ainda a tratar, sob um prisma damattiano, que diz respeito à experiência singular da presença feminina no comando de tais agremiações. O que pode parecer um exemplo insólito e destoante no sentido inicial projetado para essa personagem não se afigura tampouco uma curiosa exceção à regra ou um pitoresco fato isolado. Já entre a primeira geração de chefes ela se fazia presente com *tia* Elisa do Corinthians e com Filhinha, torcedora-símbolo do São Paulo, no caso das torcidas do Rio de Janeiro, com Dulce Rosalina e dona Laura, mulher de Jaime de Carvalho, o que, em um meio marcado pela predominância do gênero masculino e juvenil, remetia a um outro feixe de significados concernentes àquele novo lugar social (BUARQUE DE HOLLANDA, 2009, p. 273).

A partir da década de 1960, as torcidas jovens, até hoje importantes agremiações do futebol nacional, começaram a surgir no cenário futebolístico brasileiro, buscando levar às arquibancadas o estilo de vida “jovem” em crescimento na época e também ir além do incentivo à equipe, como as outras organizadas, e mostrar um posicionamento crítico perante o clube (TEIXEIRA, 2006). Buarque de Hollanda (2009) conta que os grupos eram uma novidade atrativa para jovens de ambos os sexos. No entanto, logo era possível perceber uma divisão sexual do trabalho dentro dos grupos. Tal qual na sociedade, as “moças” se encarregavam de funções condizentes a sua “condição natural feminina”, além de precisarem atender padrões de beleza já definidos naquela época. Era comum, na época, as jovens ocuparem o cargo de “relações públicas”, uma espécie de secretária ou comunicadora social da torcida.

Para Pierre Bourdieu (2002), as oportunidades oferecidas às mulheres são fortemente sexuadas e reforçam a dicotomia sexual fundamental, atentando para os cargos, que exigem certo grau de submissão de quem o executa. Essa “vocação” faz com que as vítimas dessa dominação simbólica executem com “felicidade” as tarefas subordinadas ou subalternas as quais lhe são “atribuídas por suas virtudes de submissão, de gentileza, de docilidade, de devotamento e de abnegação” (BOURDIEU, 2002, p. 72-73). Buarque de Hollanda destaca um anúncio presente no *Jornal dos Sports*, no qual a torcida “Flamante” busca uma torcedora para o cargo de relações públicas do grupo.

Relações Públicas: A Torcida Flamante está selecionando a mais bela garota para preencher o nosso lugar de Relações Públicas. Se você é linda, quer ficar conhecida pela crônica esportiva carioca, venha trabalhar conosco.²

O anúncio evidencia o ideal de lugar a ser ocupado pela mulher no meio, uma “extensão parcial de sua representação tradicional na sociedade”, indicando também uma submissão também para os padrões e critérios estéticos e de beleza exigidos pelos anunciantes. Em “O mito da beleza”, Naomi Wolf (1992) define a “beleza” exigida como um “conjunto de crenças a manter intacto o domínio masculino”, expressando, assim, as relações de poder (p.15). Essas relações de poder, partindo para o pensamento de Michel Foucault (2017), favorecem a construção desse tipo de discurso, de cunho dominador sobre o corpo e a beleza feminina, que visa controlar e instalar uma vigilância os indivíduos. É importante refletir em como o poder permite o saber, e em como estas estruturas poderão dar às mulheres o poder de refletir e questionar sobre essa realidade repressora do poder. A análise do poder vai refletir em posicionamentos críticos de combate a este, mesmo que não se possa sair dessas estruturas de poder, é possível questioná-las e conquistar algumas mudanças.

A partir dos anos 1970, outro fenômeno bastante pertinente ao estudo da presença das mulheres nos estádios começou a aparecer no futebol brasileiro: o surgimento de torcidas exclusivamente femininas, em uma tentativa de buscar espaço para as mulheres na arquibancada. No segundo semestre de 1970, houve a menção à torcida Fluminina, também conhecida como Torcida Jovem Feminina, que reunia torcedoras do Fluminense. Em seguida, surgiu o grupo de botafoguenses chamado Femifogo, que depois passou a ser chamada de Fogatas, e a Torcida Feminina do Vasco. No *Jornal dos Sports* do dia 20 de setembro de 1972, uma crítica à Femifogo foi atribuída a uma autora identificada como Marília Negreiros.

Ao ver a torcida do Botafogo no jogo contra o Santos, fiquei admirada ao assistir o número de Gatazanas que a compõem, vestidas ridiculamente com a camisa do Glorioso, a qual desrespeitavam só por usarem-na. Além disso, gravaram a ridícula expressão “Femifogo”. As Gatanaltas deviam ser expulsas da torcida. Lugar de Ratazana é no bueiro, raposa é no mato.³

Vale destacar que o texto foi atribuído a uma mulher, o que mostra que ideias machistas e a intolerância contra grupos femininos dentro de estádios podem ser reproduzidas justamente por mulheres. Bruna de Lara e companheiras (2016) apontam para o fato de que as mulheres fazem parte do sistema de dominação, uma vez que todas estão inseridas nele, e por

² *Jornal dos Sports*. 17 de fevereiro, p.2

³ *Jornal dos Sports*. 20 de setembro de 1972, seção BB, “Contra a Femifogo”

não acreditarem que deveriam ter atitudes que não são esperadas delas, acabam reproduzindo os discursos machistas.

Bourdieu (2002) destaca que os próprios dominados acabam aplicando determinadas ideias ou construções do ponto de vista dos dominantes, naturalizando, assim, as relações de dominação. Esse comportamento pode levar até mesmo a uma autodepreciação e à adesão a uma imagem que desvaloriza a mulher. O autor destaca que no processo de dominação, o dominado passa a ter sobre si mesmo visão que o dominante.

Apesar de as mulheres buscarem espaço nos estádios desde a chegada do futebol no Brasil, ainda existem muitas barreiras que dificultam a participação feminina na cultura de arquibancada do futebol nacional. O machismo continua mostrando sua face em um meio que segue visto como exclusivamente masculino. Um exemplo dessas dificuldades pode ser observado no posicionamento da torcida organizada Gaviões da Fiel, do Corinthians. Mesmo representando 40% dos associados, as mulheres são proibidas por regra de encostar nas bandeiras, tocar bateria e assistir a jogos em alguns estádios onde a equipe atua como visitante⁴. Além disso, a ocorrência de episódios de intolerância contra as torcedoras dentro dos estádios ainda é bastante alta e significativa, como será visto na sequência deste trabalho.

A realidade das torcedoras no Brasil, no entanto, também evoluiu em determinados pontos. A regra citada acima não é unânime entre as organizadas brasileiras, portanto existem outras torcidas que não impedem que mulheres toquem instrumentos da bateria ou tremulem bandeiras. Há, ainda, uma presença mais efetiva de torcidas e núcleos exclusivamente femininos no futebol nacional. Mais que ocupando o espaço, essas torcedoras também se propõem a analisar e propor melhorias para a realidade feminina nas arquibancadas do país. Em junho de 2017, aconteceu o I Encontro Nacional de Mulheres de Arquibancada, no Museu do Futebol, em São Paulo. Mais de 350 torcedoras, representando cerca de 50 organizadas, de 11 estados, se reuniram para discutir a situação feminina nas torcidas, trocar experiências e, principalmente, propor mudanças que tornem a vivência das mulheres nos estádios melhor e mais igual. Algumas das ideias listadas, como a liberdade para se vestir como quiser na arquibancada, combater machismo entre homens e mulheres e propor a criação de uma Delegacia da Mulher dentro do estádio com o intuito de coibir o assédio na arquibancada⁵, se

⁴ http://espn.uol.com.br/noticia/733641_elas-ja-sao-40-dos-socios-da-gavioes-da-fiel-mas-ainda-precisam-lutar-contraveto-de-encostar-em-bandeira-e-tocar-bateria

⁵ <http://dibradoras.com.br/cada-dia-e-uma-luta-nao-vamos-desistir-uniao-historica-de-torcedoras-da-recado-ao-machismo-no-futebol/>

mostrarão ainda mais pertinentes ao longo deste trabalho. Assim como foi mencionado acima, o pensamento de Foucault (2017) mostra que as estruturas deram a essas mulheres o poder de questionar o caráter repressor do poder, gerando, assim, um posicionamento de combate e questionamento em busca de mudanças.

2.1 Estereótipos

Os meios de comunicação exercem uma grande influência na formação da mentalidade de boa parte da população brasileira. Televisão, rádio, jornal, Internet e outras fontes de difusão de informação têm um peso grande na criação de determinadas visões e na atribuição de "identidades" a grupos de indivíduos nos mais diversos setores da sociedade. São ideias que acabam difundidas e reproduzidas nos mais diversos veículos de comunicação, seja a publicidade e o próprio jornalismo. Nas próximas páginas deste trabalho, foram identificados alguns estereótipos de mulheres no futebol que foram alimentados por esses meios.

2.1.1 A ignorante

Os autores da época não somente mostram a maneira como as mulheres presentes nas arquibancadas eram socialmente vistas, mas também tiveram participação relevante na construção de estereótipos que duram até os dias de hoje. Nelson Rodrigues (1993) traz a público uma personagem que se tornou bastante conhecida na literatura brasileira, a "grã-fina das narinas de cadáver". No texto, o autor aborda de maneira preconceituosa a presença feminina no estádio através da personagem, que faz perguntas como "quem é a bola?". A ideia de que alguém do gênero feminino não entende de futebol foi reforçada por um dos mais célebres escritores brasileiros, principalmente quando se trata do esporte. Rodrigues acabou criando um estereótipo que acompanha as mulheres até hoje, décadas após a publicação do texto, apesar de o termo "torcedor" ter sua origem justamente no modo como as moças se comportavam no estádio, ainda nos primórdios do futebol no Brasil.

Em novembro de 2013, a Rede Globo iniciou a exibição dentro do programa Esporte Espetacular um quadro chamado "Bolsa Redonda". Formado por quatro mulheres, as jornalistas Fernanda Gentil e Cristiane Dias, a atriz Cristine Fernandes e a escritora Thalita Rebouças, o quadro tinha como intenção fazer uma mesa redonda feita por e para mulheres. Em vez de ser um programa com mulheres discutindo os mesmos pontos que são abordados por homens, o Bolsa Redonda reforçava alguns estereótipos, como o de que mulher só assiste ao jogo para ver jogadores bonitos ou o de que mulher não entende de futebol. Thalita Rebouças, curiosamente integrante da primeira equipe do diário esportivo Lance!, era a encarregada de

fazer perguntas que não correspondem ao nível de conhecimento de alguém que acompanha o esporte, com um posicionamento próximo ao da grã-fina das narinas de cadáver.

A edição do dia 10 de fevereiro de 2014 do “Bolsa Redonda” Thalita menciona a contratação de um volante da base do Flamengo, comparando a posição do jogador a um volante de carro e com direito a uma piada envolvendo maquiagem, um universo visto como feminino: “Esse negócio de base é um jogador metrossexual que usa base para tapar os poros?”. Coube a Fernanda Gentil esclarecer o real significado de “base” no contexto futebolístico. Em entrevista ao jornalista Daniel Castro, a professora da Universidade Federal do Ceará e blogueira feminista Lola Aronovich afirmou que o quadro parecia buscar o propósito de “fazer que espectadores riam da ‘burrice’ feminina”, enquanto Mariane da Silva Pisani, doutoranda em Antropologia Social da Universidade de São Paulo e integrante do Instituto de Estudos de Gênero da Universidade Federal de Santa Catarina, lamentar o uso de clichês de gênero e a posição de chacota e discriminação à presença feminina no ambiente do futebol, apesar de “ter uma proposta que defende ser inclusiva da mulher no meio esportivo”⁶. Além disso, as especialistas também criticaram o fato de a abertura do quadro carregar outros estereótipos associados à “feminilidade”, como bolsas (presente no próprio nome do quadro), sacolas de compras e sapatos de salto alto.

A publicidade também é responsável pela reprodução desses estereótipos. No dia 21 de maio de 2014, a fabricante de cervejas Heineken divulgou um anúncio para promover a final da Liga dos Campeões da Europa, competição patrocinada pela empresa. A peça publicitária, com um discurso completamente voltado para homens, entregava uma promessa de que a tarde da final do torneio seria livre da companheira, representada pelo termo “sua mulher” graças a uma parceria que promoveu a liquidação de sapatos da empresa Shoestock no mesmo dia e horário do evento, afirmando que ação era “para ela pensar somente em sapato, em vez de onde você está”⁷. O comercial reproduziu alguns estereótipos atribuídos às mulheres: de que não gostam de futebol, uma obsessão pela compra de sapatos e um ciúme seguido de comportamento controlador.

⁶ <http://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/atracao-da-globo-trata-mulheres-como-burras-dizem-feministas-2578>

⁷ https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2014/05/23/internas_economia,532023/campanha-da-heineken-com-tom-machista-causa-polemica.shtml

Gastaldo (2002) destaca alguns estereótipos reforçados em alguns comerciais veiculados em época de Copa do Mundo, incluindo um anúncio da marca Philips, no qual uma mulher dentro dos padrões de beleza e das exigências estéticas aparece ao lado de quatro torcedores, um deles seu parceiro. Todos na cena, exceto a mulher, mantêm os olhos fixos na televisão durante uma partida de futebol. Ela, no entanto, de olhos fechados e posicionada perpendicularmente à TV, beija o rosto do homem, que sorri, ergue o copo de cerveja e segue focado no que se passa na tela. A cena passa os interesses dos personagens: os homens no futebol, a mulher, em um ponto que também é reforçado no comercial da Heineken, quer saber de seu homem, se mostrando alheia ao evento futebolístico. A conclusão de Gastaldo para os anúncios da Copa do Mundo pode ser atribuída a um grande número de propagandas veiculadas com o futebol como temática.

Assim, a representação dos papéis de gênero nos anúncios da Copa do Mundo parece não deixar muita dúvida quanto ao seu caráter (re)produtor de uma hegemonia masculina, as mulheres sendo predominantemente representadas como dependentes, frágeis e submissas, além de francamente sub-representadas nos papéis principais, em geral sem direito à palavra e às vezes nem ao foco. Em uma palavra: “submetidas” ao domínio masculino (GASTALDO, 2002, p. 168)

Costa (2006) destaca que ainda permanecem algumas visões da mulher como “elemento pouco integrado ao universo futebolístico” (p. 5). Apesar de haver mulheres que superaram a desconfiança inicial sobre o seu interesse no futebol, elas não ficam alheias ao estereótipo. Dentro do meio esportivo, existem algumas construções muito bem definidas e altamente difundidas de “tipos” de torcedoras.

2.1.2 A “tia”

Uma das “categorias”, que emergiu de maneira mais evidente com o aparecimento das torcidas organizadas, as tias (também recorrentemente chamadas de *vovós*) se tornaram parte do folclore e do imaginário futebolístico. Composta por mulheres de idade mais avançada, esse segmento de torcedoras se vê dissociado da violência e revestido de atributos maternais (COSTA, 2006). Buarque de Hollanda (2009) destaca que, como os integrantes das organizadas se veem como iguais na coletividade clubística, há a designação de famílias, e esses elos comunitários e familiares eram expressos através de apelidos como “tia”, herança também de outras manifestações culturais populares, como o samba e religiões afro-brasileiras. O autor cita uma série de mulheres que ficaram conhecidas como torcedoras-símbolo de equipes cariocas.

Na galeria de torcedores do futebol carioca, cumpre listar: *tia* Aida e *tia* Adélia (da TOV), as *tias* Helenas (Helena Ferreira, da Torcida Jovem do Flamengo, e Helena Lacerda, da Fiel Tricolor), *tia* Lea (da Pequenos Vascaínos), *tia* Ruth (do América), *tia* Cora (do Botafogo), *tia* Camélia (da Jovem Unifogo), além de Toninha (da Flamante) e de Verinha (da Flamor), entre outras mulheres que comandaram torcidas organizadas. (BUARQUE DE HOLLANDA: 2009, p. 153-154)

Essa característica da maternidade nas torcedoras não apareceu somente no surgimento das organizadas. Rodrigues Filho (2010), retratando o futebol na década de 1930, conta que “uma boa torcedora começava por chamar o jogador assim, pelo diminutivo, maternalmente. De quando em quando saía um 'meu filho’” (p. 194).

Vale destacar que essa visão de um comportamento mais “maternal” das mulheres, principalmente as mais velhas, também reproduz um estereótipo atrelado às mulheres. Essa concepção é um reflexo do mito da maternidade. Existe uma ideia de que o pleno significado de “ser mulher” só é alcançado após esta ser mãe, ou seja, uma maneira de tornar a maternidade compulsória. Existe no senso comum a ideia de que uma mulher que escolhe ou não pode ter filhos não consegue viver na plenitude da alegria, é vista como incompleta. Isso tudo porque há a ideia de um instinto materno, visto como um “dom” natural das mulheres. Ora, dar à luz é, biologicamente, uma característica possível somente ao sexo feminino, mas o que entra em discussão é o papel de mãe e a obrigatoriedade de executá-lo. Moura e Araújo (2004) afirmam que a exaltação do amor materno é um fenômeno relativamente recente, “constituindo-se esse tipo vínculo, tradicionalmente descrito como ‘instintivo’ e ‘natural’, em um mito construído pelos discursos filosófico, médico e político a partir do século XVIII”, ou seja, o que é atribuído como intrínseco à natureza feminina é, na verdade, construído socialmente.

2.1.3 A maria-chuteira

Outro estereótipo de torcedora até hoje muito conhecido é a “maria-chuteira”, definida pelo dicionário Michaelis como “mulher que assedia jogador de futebol”. Fonseca e Martins (2011) observam que a expressão, assim como maria-gasolina ou maria-tatame, por exemplo, tem como objetivo desqualificar, e são utilizadas para comentários pejorativos. As autoras chamam atenção, ainda, para o fato de tais ofensas terem sempre mulheres como alvo, mostrando que tipo de visão é atribuída a elas na sociedade. Hoje concretizada com um termo depreciativo, a ideia da “maria-chuteira” foi construída ao longo da história do futebol no Brasil.

Rodrigues Filho (2010) registra que, no ano de 1914, as moças cercavam os atletas em busca de um pretendente: “Os jogadores distraíam-se, cercados de moças, cada uma querendo

namorar com um deles. No dia seguinte elas estariam na arquibancada, mordendo lencinhos de renda, soltando gritinhos, torcendo pela vitória do Flamengo” (p. 102).

Em entrevista ao *Jornal dos Sports* em novembro de 1968, João Lyra Filho, na época ministro do Tribunal de Contas do Distrito Federal, lembrou como era o futebol no fim da década de 1910 e início de 1920, destacando que a presença feminina tinha como objetivo encontrar um namorado: “Os jogos de futebol, ao contrário dos atuais, possuíam grande concorrência feminina. Sobretudo de moças filhas de gente importante, que para ali se deslocavam à cata de namoros”⁸.

Com o passar do tempo, o estereótipo da “maria-chuteira” ganhou mais força e passou a mostrar um tom muito mais depreciativo. Uma música da banda paulistana Velhas Virgens, lançada em 2003, mostra a ideia de mulher oportunista associada à maria-chuteira: “Eu sabia o que fazer/(Maria-chuteira)/Transar sem camisinha/(Maria-chuteira)/Depois pagar pra ver/(Maria-chuteira)/A sua grana será minha”.

A questão também foi retratada - e reforçada - por meios de comunicação. A partir do segundo semestre de 2000, o *Lance!* passou a publicar a temática do envolvimento amoroso de mulheres com jogadores de futebol. A jornalista Fernanda Factori criou a personagem Mari Futy - brincando com o “maria” de “maria-chuteira” e a palavra “futebol” - para as publicações da revista semanal *Lance!A+*, onde escrevia sobre uma suposta intimidade dos atletas. Abaixo do título “a + indiscreta”, a jornalista aparecia em uma pose hipersexualizada, e logo abaixo vinha uma ilustração de Mari Futy, obedecendo a todo estereótipo de maria-chuteira: cabelos loiros e compridos, roupas justas realçando os seios e mostrando a barriga, minissaia e salto alto (STYCER, 2009).

Outro caso onde a mídia fez coro ao estereótipo foi com a jornalista Andréia Maciel, que ficou conhecida nas transmissões esportivas da Rádio Globo como “Maria-chuteira”. Com uma função de ser mais “irreverente” na cobertura, a repórter ficou conhecida pelo jogo de palavras e frases de duplo sentido, como por exemplo: “Vamos dar uma rapidinha?”, pergunta a qual remete a uma conotação sexual, enquanto, na verdade, Andréia tinha a intenção de falar rapidamente com o torcedor. Além do apelido da repórter, a busca por brincadeiras com um fundo sexual reforçava a ideia de que mulheres envolvidas com o futebol estejam interessadas em relacionamentos amorosos com os jogadores.

⁸ *Jornal dos Sports*. 15 de novembro de 1968.

Vale destacar que a ideia de maria-chuteira não existe apenas no Brasil. Em locais de língua castelhana, como Espanha e países sul-americanos, o termo “botinera” é bastante conhecido e difundido nessas localidades, tendo o mesmo significado de maria-chuteira.

2.1.4 A musa

Outro perfil de torcedora comum e, muitas vezes, que acaba se confundindo e misturando com a ideia de maria-chuteira, é a musa. O termo “musa” tem origem na mitologia grega. As Musas, filhas de Zeus e Mnemósina (Memória), eram nove deusas que correspondiam, cada uma, a um ramo da literatura, ciência e das artes (BULFINCH, 2006). Régis (1997) destaca que elas “são potências religiosas que inspiram os poetas” (p.20). Apesar de saberem tudo e conhecerem passado, presente e futuro na mitologia grega, a sabedoria se perdeu, e o termo musa é largamente utilizado para expressar “inspiração”, principalmente através da beleza feminina. Assim como uma *miss* que defende seu estado ou país em concursos de beleza, a musa do futebol representa um clube na disputa para saber qual delas é a mais bonita.

Uma crítica que é bastante vinculada à questão da musa é a objetificação da mulher, neste caso, torcedora. Aqui, o maior atributo não é o amor ou conhecimento acerca do time, mas a beleza, valorizando apenas a questão estética, tratando a mulher como um adereço. Assim, é ainda mais disseminada a ideia de que a principal função da mulher é embelezar o ambiente, em detrimento de todas as outras habilidades que possa ter.

O simples fato de ainda ser socialmente aceita essa percepção de “embelezamento do ambiente” já mostra o quão pouco as mulheres são valorizadas. Sob essa perspectiva, elas ainda não são reconhecidas como sujeitos de direito, com vontade própria, mas como objetos, sendo discriminadas e obrigadas a alegrar e enfeitar o mundo, atendendo aos padrões estéticos vigentes e tendo suas capacidades intelectuais tratadas como características secundárias, a serem admiradas apenas se a função estética for devidamente cumprida. (VIANNA, 2005, p.3)

Além dos próprios clubes, a mídia tem um papel importante na difusão da ideia da musa no futebol, já que boa parte dos concursos são organizados veículos de imprensa. A Rede Globo, maior empresa de comunicação do Brasil, organizou entre 2007 e 2013, o concurso “Musa do Brasileirão”. Analisando as publicações sobre o concurso, veiculadas no globoesporte.com, que também incluem ensaios sensuais com as selecionadas usando biquíni, é possível perceber que a questão estética é tratada como prioridade. Em 7 de junho de 2009, uma entrevista com a candidata representante do Barueri, Giovanna Giorgetti, foi publicada. O texto, que apresentava as medidas da torcedora logo no começo, inclui perguntas como o estado

civil de Giovanna, o que ela fazia para manter a forma, o que mais a atraía em um homem, além de questões relacionadas ao corpo da torcedora⁹.

Além disso, o regulamento também reforça o caráter prioritário que o atributo físico tem no concurso. O texto afirma que a empresa pode não somente exigir uma prova envolvendo um desfile de biquíni, como também explicita no parágrafo 2.3 que a terceira fase terá quatro critérios de seleção, sendo o primeiro deles a beleza e o último a identidade com o time do coração¹⁰. Ou seja, para o concurso, era mais importante ser bonita do que ser realmente fã da equipe.

A Terceira Fase do Concurso, que se iniciará em 4 de setembro de 2010 e terminará em 08 de setembro de 2010, consistirá na seleção, pela Comissão Interna, de 20 (vinte) Musas para representar cada um dos Times, segundo os critérios subjetivos de (i) beleza; (ii) simpatia; (iii) desenvoltura e (iv) identidade com o seu time do coração (GLOBO ESPORTE: 2010, p. 8).

2.2 O estádio como um lugar “estranho” para as mulheres

Os registros históricos retratam, mesmo que de maneira superficial, a participação feminina nos estádios desde os primórdios do futebol no país. No entanto, nos anos 1980, foi apontado por estudos um decréscimo da presença de mulheres no ambiente esportivo, possivelmente pela ação violenta atribuída a torcidas organizadas (LEVER, 1983).

Nessa época as organizadas tiveram sua imagem fortemente vinculada à desordem e ao vandalismo e, provavelmente, isso tenha afastado muitas mulheres dos estádios. Mas, também, é provável que tenha afastado muitos homens. A queda de público nos estádios do país, acentuada naquela década, pode ser notada desde a metade da década de 1970 (Helal, 1997, p. 50), e as razões de tal fenômeno não estão apenas relacionados à violência, mas a uma série de questões relativas a um contexto mais amplo que diz respeito à estrutura econômica e administrativa do futebol brasileiro. (COSTA, 2006, p. 10).

Não somente pela violência, mas a hipótese do afastamento feminino dos estádios também pode avaliar como motivo os estereótipos construídos em torno da mulher. Pelo fato de as torcidas organizadas apresentarem manifestações de violência ou de exaltação das masculinidades, as características comumente associadas à mulher no ideal de “feminilidade” não seriam compatíveis com o comportamento desordeiro esperado nas arquibancadas (COSTA, 2006).

⁹<http://globoesporte.globo.com/Esportes/Noticias/Brasileirao/musa/0,,MUL1185469-16810,00-GIOVANNA+GIORGETTI.html>

¹⁰ http://globoesporte.globo.com/StaticFiles/Futebol/2010/05/27/regulamento_musa_2010.pdf

Vale destacar que nas primeiras décadas do futebol no Brasil já havia uma diferenciação entre a conduta de exaltação dos ânimos, a mais esperada em uma arquibancada, e a que deveria ter ao lado de uma moça. Rodrigues Filho conta que os “moleques” da arquibancada assistiam aos jogos atrás do gol e xingavam os jogadores adversários, por isso alguns torcedores de famílias mais nobres preferiam acompanhá-los, para poderem se expressar com os palavrões sem a preocupação de haver alguma mulher por perto.

Muito torcedor de fitinha no chapéu gostava de assistir ao jogo atrás do gol. Para ver a bola entrando, suspendendo a rede. Para gritar gol antes da bola entrar. Para torcer mais à vontade. Como um moleque. Sem essa coisa de olhar para ver se tinha moça por perto. O torcedor, com um palavrão na boca, tende de engolir o palavrão. (RODRIGUES FILHO: 2010, p. 78)

Assim, frequentar as partidas passou a ser um “instrumento de socialização masculina” (COSTA, 2006, p. 3). Os gestos, os rituais e o vocabulário transformaram a torcida em um espaço simbólico e concreto de exaltação dos “atributos masculinos de potência, virilidade” (Toledo, 1996, p. 65). Sendo assim, é possível imaginar um bom número de obstáculos surgidos para a inserção e principalmente para a legitimação das mulheres como torcedoras nesse espaço de masculinidades exaltadas.

Drumont (1982) explica que o machismo define traços que são característicos, associados, ao ‘macho’, e esse conjunto de normas definido remeteria à ordem social. Assim, esse *sistema ideológico* “oferece modelos de identidade tanto para o elemento masculino como para o elemento feminino. Ou seja, é através deste modelo normalizante que homem e mulher tornam-se homem e mulher” (p. 77).

Portanto, quando esse modelo engessado pré-definido é quebrado, como quando uma mulher busca se inserir ou fazer parte de um universo visto como “masculino”, esse comportamento é visto como desviante, fora do normal.

Desta maneira, a presença de mulheres nos estádios, que desafia a identidade atribuída e pré-definida para o “feminino”, ainda é mal vista por muitos, que acreditam que a mulher não deveria estar ali, fazendo parte de uma manifestação “masculina”. Assim, não é raro ver torcedores com comportamentos que repelem e desrespeitam essas torcedoras, como será visto ao longo deste trabalho.

3 METODOLOGIA

O presente trabalho teve como base uma pesquisa empírica do tipo *survey*, que tem como característica uma abordagem quantitativa, com objetivo de obter dados sobre características ou opiniões de um grupo de pessoas. O procedimento é realizado através de questionários ou entrevistas (BABBIE, 1999).

Freitas e colaboradores (1999, *apud* PINSONNEAULT e KRAEMER, 1993) dividem a pesquisa *survey* em três propósitos possíveis. No caso em questão, ela assume o caráter descritivo, que visa identificar situações, eventos, atitudes ou opiniões manifestos na população, com o objetivo de verificar se a percepção dos fatos condiz ou não com a realidade.

Nesta pesquisa, o principal método para recolher dados é o de questões já estruturadas. Babbie (1999) classifica o número de momentos, período no qual os dados são coletados. Há o longitudinal, em que os dados são reunidos ao longo do tempo ou em períodos específicos, com o objetivo de estudar as mudanças e variáveis ou a relação entre elas. Já no interseccional, que é o caso desta pesquisa, os dados são coletados em apenas um momento, para analisar as variáveis em um momento. Como o trabalho visa levantar informações sobre as condições atuais das mulheres nos estádios, o interseccional se mostrou mais adequado aos objetivos o estudo.

A amostra tem como objetivo representar da melhor maneira possível a população que se deseja estudar (FREITAS *et al*, *apud* FINK, 1995d). Estar ciente do objetivo que busca na pesquisa ajuda a avaliar se os resultados alcançados são válidos ou não. Os critérios de elegibilidade para a participação, incluindo a definição de público-alvo, como foi o caso deste trabalho, auxiliam neste processo. Desta maneira, a pesquisa *survey* utilizada neste estudo fez uso da amostra probabilística sistemática, já que foi definido um critério para acesso à lista, como será melhor explicado adiante.

Assim, este trabalho teve como instrumento de coleta um questionário autoaplicável pela Internet, elaborado através da ferramenta de formulários do Google, disponibilizada somente online. A escolha deste tipo de instrumento se deu pela

A principal plataforma de divulgação foi a rede social Twitter, através da minha conta pessoal e de algumas pessoas influentes no meio, como jornalistas e torcedores conhecidos nas redes sociais, além do Facebook, mas em menor escala. O formulário contém dez perguntas e dois espaços para observações, de onde foram extraídas respostas qualitativas.

As quatro primeiras questões são de identificação, enquanto as restantes são sobre o tema da pesquisa. A pesquisa ficou disponível para respostas durante um mês e meio, a partir do dia 3 de maio de 2016.

O texto de aplicação da pesquisa identificava que o formulário era voltado para mulheres, buscando contar apenas com as respostas delas, que são o público alvo. Para garantir este recorte, a primeira pergunta era justamente com qual gênero a pessoa que respondia se identifica. Das 1.378 respostas, 1.346 vieram de mulheres, ou seja, 97,7%. 26 homens responderam, correspondendo a 1,9%, e 6 pessoas não se identificavam com nenhum dos dois gêneros (0,4%).

Por se tratar de uma pesquisa que busca analisar, entender e estudar a percepção feminina sobre o comportamento masculino e os assédios no estádio, optou-se por considerar apenas as respostas identificadas como de mulheres e eliminar outros resultados, tentando, assim, dar mais voz ao pensamento feminino acerca do assunto.

Vale destacar a necessidade de eliminação de uma das respostas, mesmo sendo esta identificada como de uma mulher. O depoimento apresentava inconsistências, como "França" como equipe para que torce, Amapá e Centro-Oeste como localização, "me deram pipoca" como tipo de assédio e "foi legal" como descrição desse abuso. No entanto, o autor da mensagem fez questão de deixar um recado: "Mulher tem que ficar na louça mesmo!". Devido à falta de lógica e relação da declaração como um todo, ela não foi incluída no estudo.

Algumas questões demográficas foram incluídas no questionário com o objetivo de melhor compreender o perfil dos participantes da pesquisa, como faixa etária, região do país e estado onde mora.

Foram encontradas inconsistências com relação a região e estado em algumas respostas. Um caso que apareceu repetidamente foi a aparição do Centro-Oeste com região de estados que ocupam a região sudeste. Desta maneira, pode-se deduzir que os erros foram provenientes provavelmente por mau uso das setas na escolha das opções. Além deste, um fenômeno muito comum foi a confusão entre a região do país e a região dentro das capitais carioca e paulista. Assim, o estado prevaleceu na definição do local.

Outra falha encontrada foi com relação a pessoas que moram fora do país. Algumas indicaram esta opção, mas apontaram estados brasileiros como local onde vivem. Nestes casos, pode-se deduzir que o local indicado se trata do estado de origem destas mulheres, o que não

influencia ou prejudica o trabalho, já que este estudo, por ora, levou em consideração apenas os números referentes às cinco regiões do Brasil e moradoras de outros países.

Também foi questionado o time da preferência dos respondentes. No entanto, os dados não serão contabilizados para este trabalho, o que não prejudica o objetivo principal da pesquisa.

Após as questões de identificação, uma série de perguntas mais voltadas ao tema do trabalho foram abordadas. A primeira questionava a frequência que a torcedora costuma ir ao estádio, visando captar em qual dimensão os resultados obtidos no fim da pesquisa seriam condizentes com a realidade vivida no cotidiano.

Em seguida, foi questionado se a torcedora já se sentiu incomodada por homens no estádio pelo fato de ser mulher. O objetivo da pergunta é analisar qual a percepção dessas mulheres quanto ao ambiente, de uma maneira geral, levando em consideração, assim, se os assédios recorrentes no local interferem a experiência feminina como um todo.

Partindo mais especificamente para o tema maior do trabalho, foi perguntado se a torcedora já sofreu algum tipo de assédio nos estádios. Foram apresentadas algumas opções, como cantadas, xingamentos, intimidação, contatos físicos, etc. Além disso, havia um espaço em branco para que a torcedora pudesse completar, caso tivesse sofrido algum outro tipo de abuso que não estivesse listado. A ideia de fornecer alguns exemplos também foi motivada pelo possível desconhecimento de que as ações citadas são, de fato, assédio. Na sequência, foi questionado se o abuso foi sofrido em mais de uma oportunidade, buscando compreender se o fenômeno é recorrente ou não na vida das torcedoras.

Colocando fim à parte quantitativa, foi perguntado se a torcedora enxergava o ambiente futebolístico ainda pouco receptivo às mulheres. Mais que o assédio em si, a questão tem a possibilidade de traduzir ao trabalho se as mulheres se sentem seguras dentro das arenas, independentemente de já terem sofrido abuso ou não.

Além do lado quantitativo, a pesquisa também assumiu um caráter qualitativo nas questões abertas, que passaram por uma análise de conteúdo. O objetivo era captar algumas experiências das torcedoras em questão para alinhá-las aos números obtidos neste mesmo trabalho. Os relatos podem ajudar a ilustrar não somente os resultados apresentados, mas também o que foi encontrado e selecionado para a parte teórica deste estudo.

Desta maneira, foi solicitado que as torcedoras contassem um pouco da experiência de assédio que tiveram dentro dos estádios, além de um espaço para comentários no fim da pesquisa. Ao todo, foram selecionadas e analisadas 305 respostas qualitativas.

Dentro do trabalho surgiram algumas dúvidas quanto à metodologia. Vale destacar a dúvida quanto ao gênero do respondente. Em uma das respostas qualitativas, um dos depoimentos obtidos de alguém que se identificou como mulher trazia o seguinte relato.

Passaram a mão na minha bunda sempre, mas como eu gosto eu deixo.
Feminismo de cu é rola! (Torcedora do Botafogo, idade entre 25 e 29 anos,
moradora do Rio de Janeiro)

Apesar da suspeita de o depoimento não ter sido escrito por uma mulher, optou-se por mantê-lo no trabalho, apenas atentando para esta dúvida. O trabalho seguiu o critério de manter as informações da maneira como foram expostas por seus autores, retificando apenas pequenas inconsistências. Neste caso, não houve evidência maior ou mais concreta de alguma tentativa de forjar o formulário, portanto o depoimento foi incluído no estudo.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa rendeu dois tipos de resultados: os quantitativos e os qualitativos. Analisando primeiramente os dados qualitativos, algumas informações constavam no formulário, mas não vão ser usadas por ora não fazerem parte do objetivo deste trabalho. Os números, no entanto, poderão ser usados em possíveis trabalhos futuros.

Por este trabalho ter como objetivo analisar os casos de assédio e abusos sofridos pelo público feminino nos estádios, apenas as respostas de mulheres foram contabilizadas para o projeto, ou seja, 1.345 foram consideradas válidas para esta pesquisa, 97,6% do total de 1.378 respostas.

Antes de fazer a análise dos números referentes às repostas das mulheres, vale mencionar a participação masculina na pesquisa, dividida em dois objetivos. O primeiro tinha um caráter de denúncia, buscava relatar situações vividas nos estádios, como ver um homem "cantar", xingar ou desrespeitar de qualquer outra maneira uma mulher. Nessas respostas, foi possível identificar facilmente o intuito de denunciar comportamentos inadequados dentro do ambiente futebolístico, como no relato do torcedor abaixo.

Como sou homem, posso dizer do que já vi. E é bizarro, chega ao ponto de entoarem cânticos do tipo "vem pra 'torcida' fazer neném, gostosa". (Torcedor do Cruzeiro, de idade entre 22 e 24 anos, morador de Minas Gerais).

O segundo buscava difundir o pensamento machista e defender homens que têm esse tipo de conduta dentro dos estádios. Esses afirmavam que nunca presenciaram nenhum tipo de abuso e que o estádio não é pouco receptivo às mulheres - ignorando a voz delas e não fazendo coro a essas torcedoras. Esse segundo objetivo mostra a vontade desses homens de impor esse tipo de pensamento remetente à dominação masculina, mesmo sem conhecimento de causa ou vivência, o que era demandado na pesquisa.

Voltando as atenções para a amostra em questão, alguns aspectos demográficos foram incluídos na pesquisa para a melhor compreensão do perfil das participantes. Na idade, 544 mulheres responderam entre 18 e 21 anos, correspondendo a 40,4% da pesquisa; 250, ou 18,6%, afirmaram ter entre 22 e 24; 236, ou 17,5%, entre 25 e 29; 156, ou 11,6%, 82, ou 6,1%, entre 30 e 34; entre 35 e 39; 67, ou 5,0%, entre 40 e 59; e finalmente dez, ou 0,7%, 60 anos ou mais. Os números mostram que mais de um terço das repostas vieram de mulheres com até 21 anos. O fenômeno pode se dar pelo fato de a pesquisa ter sido veiculada nas redes sociais, principalmente no Twitter, onde a maior parcela dos usuários é jovem.

A região do Brasil com maior número de participantes foi o Sudeste, de onde vieram 903 respostas (66,6%), seguido do Nordeste, com 188 (13,9%), Sul, com 133 (9,8%), Norte, com 59 (4,4%), e Centro-Oeste, com 57 (4,2%), além de cinco que não moram no país atualmente (0,4%). A predominância de respostas no Sudeste pode ser explicada pelo fato de a pesquisa sido criada por uma residente do Rio de Janeiro, o que acarreta em mais conexões nesta região.

Dando início aos resultados voltados para a interação das participantes com o futebol, foi questionada com qual frequência essas torcedoras costumam ir aos estádios. 36,1% das entrevistadas (486 torcedoras) responderam que vão sempre, 40,2% (540) afirmaram que vão regularmente, 22,2% (299) vão raramente e 1,5% (20) nunca vai. Através dos números obtidos, é possível concluir que 76,3% das entrevistadas (soma entre as que marcaram “sempre” e “regularmente”) mantêm uma alta frequência nas arenas, podendo, assim, fazer contribuições à pesquisa com um conhecimento de causa significativo e uma vivência de arquibancada que pode trazer detalhes que enriqueçam o trabalho.

A questão seguinte introduziu a temática do assédio nos estádios no questionário. Questionadas se já se sentiram incomodadas ou intimidadas por homens nas arenas pelo fato de serem mulheres, 682 torcedoras, o equivalente a 50,7% das respostas, afirmaram que não, enquanto 663, ou 49,3% declararam que sim. Quase metade das entrevistadas se viram em uma situação de vulnerabilidade pelo tipo de comportamento apresentado pelo público masculino neste ambiente, que é socialmente visto como exclusivo para homens.

Os números referentes às atitudes abusivas nos estádios são ainda mais alarmantes. 525 mulheres afirmaram nunca ter sofrido abuso, um percentual correspondente a 39,0%, enquanto 820, 61,0% das respostas, registraram algum tipo de assédio nas arenas. Das 1.345 mulheres, 651 declararam ter recebido cantadas (48,4%), 421 relataram comentário machista (31,3%), 172 revelaram ter sofrido algum tipo de intimidação (12,8%), 118 apontaram xingamentos ou difamação (8,8%), 21 reportaram abuso sexual (1,6%), que pode ser caracterizado por qualquer tipo de contato físico indesejado¹¹, e sete entrevistadas (0,5%) declararam ter sofridos outros tipos de abuso, incluindo agressão física. Vale a pena destacar o relato de uma torcedora que contou um caso em que foi agredida por não aceitar o comportamento invasivo de um homem.

¹¹ <https://www.livredeabuso.com.br/abuso-sexual>

Na saída de um dos jogos, por recusar o assédio de um torcedor que estava tentando me agarrar, depois de muita confusão e discussão, ele deu um soco no meu rosto (Torcedora do Bahia, idade entre 30 e 34 anos, torcedora do Bahia).

No caso acima, é possível identificar uma sobreposição de abusos, uma realidade que se repetiu em boa parte das outras respostas, já que muitas torcedoras reportaram mais de um tipo de assédio. Nesta situação, além de agredir, o assediador tentou agarrar a torcedora em um primeiro momento. Em entrevista ao site “Uai”¹², a coordenadora do curso de Direito da Fumec e especialista em Direito Penal, Silvana Lobo afirmou que este tipo de ato se configura como estupro, previsto no artigo 213 do Código Penal brasileiro: “Constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a ter conjunção carnal ou a praticar ou permitir que com ele se pratique outro ato libidinoso (Redação dada pela Lei nº 12.015, de 2009)”¹³.

Além deste, outros comportamentos reportados na pesquisa pelas torcedoras se configuram como crimes. Os xingamentos registrados por 8,8%, por ofender a honra, a dignidade e humilhar a vítima, se enquadram como injúria, especificado no artigo 140 do Código Penal¹⁴. As cantadas, relatadas por quase metade de todas as mulheres que responderam à pesquisa, se encaixam como contravenção penal de perturbação da tranquilidade, descrita no artigo 65 da Lei de Contravenções Penais¹⁵.

Vale destacar que todas as condutas descritas acima possuem algum tipo de punição perante a Justiça. A perturbação da tranquilidade tem pena de 15 dias a dois meses de prisão simples ou multa, a injúria pode acarretar de um a seis meses de detenção ou multa, e o estupro de seis a dez anos de reclusão.

Os números mostraram que os abusos não podem ser considerados como fatos isolados. 45,7% das mulheres afirmaram que foram assediadas em mais de uma oportunidade, escancarando a reincidência dos episódios e reforçando o fato de esta conduta dos homens estar enraizada no cenário futebolístico nacional.

A pesquisa também evidencia que o estádio e o futebol, como um todo, ainda são vistos como locais onde as torcedoras não são bem-vindas. 85,2% responderam que o ambiente futebolístico ainda é pouco receptivo às mulheres, enquanto 14,7% declararam o contrário e

¹² <https://www.uai.com.br/app/noticia/saude/2013/09/19/noticias-saude,193830/quando-o-assedio-sexual-vira-caso-de-policia-mulheres-coitadinhas-ou.shtml>

¹³ <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10612010/artigo-213-do-decreto-lei-n-2848-de-07-de-dezembro-de-1940>

¹⁴ <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10622653/artigo-140-do-decreto-lei-n-2848-de-07-de-dezembro-de-1940>

¹⁵ <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/11735949/artigo-65-do-decreto-lei-n-3688-de-03-de-outubro-de-1941>

0,1% não respondeu. O número é bastante expressivo, mostrando que a maioria esmagadora das torcedoras não se sente à vontade ou segura nesse ambiente. O resultado reforça que o esporte ainda é visto como um local masculino.

É importante salientar que muitas torcedoras que afirmaram nunca ter sofrido abuso reportaram na pesquisa qualitativa que se viam suscetíveis ao assédio, fazendo coro ao número discutido no parágrafo anterior. Diversas torcedoras declararam que acreditavam nunca ter sofrido assédio por sempre irem ao estádio acompanhadas de homens, além de afirmarem que não se sentiam seguras ou não teriam coragem de ir aos jogos sozinhas. Uma das torcedoras, inclusive, contou que se sentiu em situação de perigo por ter ido desacompanhada a partidas. É essencial ressaltar que mesmo quando mulheres estão na companhia uma das outras, a interpretação apresentada é de que estariam desacompanhadas.

Como mencionado anteriormente, Beauvoir (2016) destaca o papel secundário e dependente do homem que a mulher recebe na sociedade: enquanto ele é visto como Sujeito, “Absoluto”, ela é enxergada como o “Outro”, ou seja, ela não é vista como um ser autônomo. No cenário citado acima, é criada uma relação de dependência, onde a mulher precisaria do homem para ser encarada como alguém merecedora de respeito.

Muitas mulheres afirmaram que o grande problema de ir aos estádios é estar desacompanhada de um homem. Algumas declararam que são perguntadas se não têm medo de irem sozinhas aos estádios, mesmo quando acompanhadas de uma outra mulher ou mulheres. Ou seja, para alguns homens, a mulher só está acompanhada quando tem um homem ao lado. Esse tipo de comportamento, de não assediar a quando ela está com um homem mostra que eles não demonstram respeito às mulheres, mas sim a outros homens. Para exemplificar, três depoimentos da pesquisa qualitativa foram separados.

Uma vez, com meu pai, um grupo de homens me direcionou comentários bem abusivos como "peituda", "vem cá, gostosa", e outras babaquices assim. Quando perceberam que eu estava acompanhada pediram desculpas. Ao meu pai (Torcedora do Cruzeiro, de idade entre 22 e 24 anos, moradora de Minas Gerais).

Foi uma cantada sem graça mais quando o cara viu que eu estava com um amigo homem, parou com a cantada e pediu desculpas não pra mim é sim para o meu amigo achando que éramos namorados! (Torcedora do São Paulo, entre 25 e 29 anos, moradora de São Paulo).

Uma vez fui abordada por um indivíduo que queria a todo custo o meu telefone quando fui ao banheiro no Allianz Parque. Meu amigo precisou intervir e fingir que era meu namorado. O interessante foi que o pedido de desculpas foi

inteiramente ao meu amigo e não para mim. Isso me deixou muito brava (Torcedora do Palmeiras, entre 18 e 21 anos, moradora de São Paulo).

Em comum, todos eles contam como homens só deixaram de assediar as torcedoras com cantadas após perceberem que elas estavam acompanhadas de outros homens: o pai no primeiro e amigo nos outros dois. As três mulheres reportaram que os assediadores deram fim à ação pedindo desculpas aos homens que as acompanhavam e não a elas. As duas torcedoras acompanhadas de um amigo passaram por duas situações que reforçam a visão da mulher como uma posse do homem: o amigo de uma recebeu o pedido de desculpas pelo fato de o assediador acreditar que ele fosse o namorado da vítima, enquanto a outra precisou fingir que namorava o amigo para colocar fim ao caso.

Para Mary (1985), existe uma representação falsa de homens e mulheres assumida em uma relação de poder perante aquele que é visto como mais “fraco”, ou seja, a mulher. Com isso, há uma naturalização do macho ser encarado como uma espécie de guardião da fêmea. Uma torcedora destacou na pesquisa qualitativa que é constante a ocorrência de assédio quando os torcedores se dão conta de que uma mulher está desacompanhada no estádio, como se isso representasse um desejo de conseguir uma companhia - masculina e amorosa ou sexual - dentro do local.

É comum homens abordarem nós mulheres perguntando se estamos sozinhas mesmo. Quando confirmamos, geralmente vem o espanto e, depois, a cantada. Aconteceu comigo várias vezes e sei que é comum com amigas que também vão sozinhas. Cantadas são frequentes. Já tentaram me beijar depois um gol importante. Parece que o senso comum diz que se a mulher está sozinha no estádio, ela quer ser cantada, paquerada, xavecada (Torcedora do Palmeiras, idade entre 25 e 29 anos, moradora de São Paulo)

Um fator que vale ser abordado quando se trata de assédio nos estádios é a roupa usada pelas torcedoras. É comum ver parte sociedade achando justificável o estupro ou assédio dependendo da maneira como a vítima se veste. De acordo com o estudo “Tolerância social à violência contra as mulheres”, do Instituto de Pesquisas Economicamente Aplicadas (Ipea), publicado em 2014, 26% dos respondentes concordam que “mulheres que usam roupas que mostram o corpo merecem ser atacadas”¹⁶, enquanto 58,8% estavam de acordo com a frase: “se as mulheres soubessem como se comportar, haveria menos estupros”¹⁷. Desta maneira, é possível perceber que muitos homens se sentem no direito de assediar uma mulher que deixa visível certas partes do corpo - um comportamento possivelmente potencializado dentro dos

¹⁶ http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=21971

¹⁷ http://ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/SIPS/140327_sips_violencia_mulheres.pdf

estádios, onde os torcedores estão em grupo, assunto que será abordado um pouco mais para frente. O depoimento de uma torcedora do Botafogo evidencia o direito de usar a roupa que deseja não vem acompanhado do respeito do torcedor.

Eu fui com uma legging e camisa do meu time, como sempre, porém sempre uso um top por baixo, porque é muito quente e também porque nós temos uma música onde a torcida tira a camisa pra girar no ar. Eu tirei, como sempre, porém não coloquei novamente porque estava um calor de 40°C no Rio de Janeiro. Fui ao banheiro na hora do intervalo da forma como estava, usando um top de academia, e foi a pior experiência em estádio da minha vida, parecia que iam me comer viva (Torcedora do Botafogo, idade entre 25 e 29 anos, moradora do Rio de Janeiro)

Um artifício citado pelas torcedoras para tentar minimizar a ocorrência de assédio, além da busca por uma companhia masculina para afastar os assediadores, é o uso de roupas que escondam mais as partes do corpo. Diversas mulheres relataram na pesquisa qualitativa que evitam ir ao estádio usando shorts, mesmo em dias quentes, como se fossem capazes de evitar o abuso. O comportamento inadequado dos homens faz com que as mulheres se sintam pressionadas a abrir mão até mesmo do direito de usar a roupa que desejam.

Para ir ao estádio ainda tenho que tomar alguns cuidados "preventivos" como usar calça larga, algo que incomoda demais (Torcedora do Palmeiras, idade entre 25 e 29 anos, moradora de São Paulo)

Esse tipo de preocupação acaba aflorada em um ambiente onde a maioria é homem pelo fato de a sociedade patriarcal ver o estupro - e neste caso pode-se seguir a mesma linha de interpretação com o assédio - como algo que deve ser evitado pela vítima, a mulher, em vez de atribuir a responsabilidade ao homem que executa o abuso. Ou seja, ocorre a culpabilização da vítima, que acaba apontada como responsável pelo acontecimento (MENDONÇA, 2015). Ir ao estádio sem uma companhia masculina ou usar roupas que mostrem mais partes do corpo podem ser usados como artifícios para culpar quem, na verdade, é vítima nos casos de abuso.

Outra questão importante é uma repetida intolerância com um comportamento visto como "masculino" vindo de mulheres. Nesses depoimentos, torcedoras mostram que foram repreendidas ou hostilizadas por se portarem da maneira como é natural para os homens na arquibancada: xingando, cantando e torcendo para o time de coração.

No exemplo abaixo, a torcedora conta que foi julgada por ter se animado com o gol de um jogador da equipe pela qual ela torce, visto que esse é o procedimento padrão nos estádios (e fora deles): comemorar o gol do próprio time.

Uma vez no estádio, enquanto me empolgava xingando com o gol do Sheik (jogador de futebol), recebi e olhares e um comentário de "você é mulher,

devia se comportar" (Torcedora do Flamengo, idade entre 22 e 24 anos, moradora do Rio de Janeiro).

Na outra declaração, a torcedora revelou que foi xingada também por se comportar da maneira padrão no estádio, principalmente nas organizadas: estava cantando alto as músicas de incentivo à equipe.

Um homem me chamou de "piranha" por eu estar cantando alto (Torcedora do Fluminense, idade entre 22 e 24 anos, moradora do Rio de Janeiro).

Stahlber (2013) destaca que uma outra maneira de oprimir e controlar as mulheres nos estádios é delimitar a liberdade no comportamento dela no ambiente. Uma torcedora que se aproxima do que é esperado de um homem passa a não ser bem vista e é julgada pelos outros torcedores no local. Além de interferir em diversos pontos que cerceiam o livre arbítrio das mulheres, como a escolha das roupas que vão usar, por exemplo, o machismo também busca delimitar o comportamento das mulheres, dentro e fora do futebol.

O perfil de torcedora que frequenta a arquibancada sempre esteve presente, mas por tratar-se de uma arena masculina, as regras sobre como as mulheres devem se comportar são bastante demarcadas. Conda & Rodríguez (2002) já haviam afirmado que na Argentina a mulher "excessivamente fanática" acaba mal vista por homens e mulheres que julgam seu comportamento como algo não verdadeiro ou pouco feminino. No Brasil não é diferente, sendo sempre mal vista a mulher que se comporta de maneira excessivamente masculina, falando palavrões, gritando, etc. (STAHLBER, 2013, p. 44)

Um ponto que vale ressaltar é o fato de algumas mulheres não terem consciência de que sofreram algum tipo de abuso. Para muitas, uma cantada ou xingamento não representam esse tipo de acontecimento. É difundido um significado de "agressão" para ocorrências apenas físicas, o que não é verdade, já que as agressões podem ser também verbais.

A dominação masculina, enxergada com naturalidade até mesmo pelas próprias mulheres, é definida como um tipo de violência simbólica, a qual o dominado não consegue se desvencilhar dessa influência do dominante.

A violência simbólica se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (e, portanto, à dominação) quando ele não dispõe, para pensá-la e para se pensar, ou melhor, para pensar sua relação com ele, mais que de instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum e que, não sendo mais que a forma incorporada da relação de dominação, fazem esta ser vista como natural (BOURDIEU, 2002, p. 47).

Desta maneira, os homens se encontram amparados pelo senso comum que legitima e normaliza as relações de dominação. A construção do feminino como fraco e submisso torna essa dominação mais simples e até mesmo aceitável (MENDONÇA, 2015, p. 19). Com isso, os

diversos assédios praticados pelos homens, dentro e fora dos estádios, são vistos pela sociedade em geral como atitudes razoáveis.

4.1 Comportamento coletivo

Apesar de a dominação masculina fazer parte da vida social das mulheres em diversos setores, o comportamento abusivo dos homens dentro dos estádios pode se mostrar mais aflorado devido à legitimação dos atos através do comportamento coletivo apresentado pelas torcidas.

Uma vez no ambiente futebolístico, o homem deixa de lado o status de indivíduo para se integrar à massa, neste caso denominada como “torcida”. Por se tratar de um grupo, ela faz com que seus componentes deixem de lado a própria identidade para assumir as características do grupo.

Buarque de Hollanda (2010) cita duas “linhas-mestras” presentes na análise comportamental das massas. A primeira, baseada nos estudos de Gabriel Tarde, é a imitação, na qual o “indivíduo” imerso na massa age por uma espécie de “contágio ou propagação”. A segunda, de Gustave Le Bon, é a da regressão, onde o indivíduo acaba por regredir ao se ver em meio a seus pares. Sozinho, ele se comporta de uma maneira, mas em grupo ou no anonimato, de outra. A conduta apresentada em grupo torna o indivíduo irreconhecível quando comparado ao comportamento dele no cotidiano.

Assim, além do respaldo dado pela sociedade à dominação masculina, a integração à massa faz com que o homem se sinta ainda mais legitimado nos casos de assédio, justamente pelo fato de se encontrar no “anonimato” e a proteção que o grupo garante.

Alguns depoimentos da pesquisa qualitativa reforçam o argumento que aponta um comportamento machista aflorado quando o indivíduo passa a fazer parte de um grupo. Uma das torcedoras relatou xingamentos em coro de um grupo de torcedores por estar tremulando uma bandeira de torcida organizada durante uma partida - prática extremamente comum nas arquibancadas, mas em geral realizada por homens.

Eu estava bandeirando, quando ouvi um grupo de pessoas pedindo para eu abaixar a bandeira. Eu não abaixei, e esse mesmo grupo (composto por umas trinta pessoas) começou a me chamar de piranha, todos em coro (Torcedora do Flamengo, idade entre 18 e 21 anos, moradora do Rio de Janeiro)

Muitas torcedoras apontaram que as cantadas, comentários constrangedores e machistas e assédio, de maneira geral, se intensificam quando homens estão em grupo nos

estádios. Um dos relatos relaciona o comportamento masculino nessas ocasiões ao de “animais primitivos”.

Além disso, a hipótese do “contágio” também se faz presente, já que o comportamento iniciado por um homem, ou por um grupo pequeno, muitas vezes toma proporções maiores, se espalhando para o estádio inteiro. Um dos exemplos citados pelas torcedoras na pesquisa qualitativa é o xingamento às auxiliares de arbitragem, popularmente conhecidas como “bandeirinhas”.

Na pesquisa qualitativa, algumas torcedoras mencionaram o fato de os xingamentos e agressões machistas se intensificarem quando há uma mulher na equipe de arbitragem. Apesar de árbitros, no geral, serem alvo de xingamentos, as respostas indicam que as agressões são maiores e mais constantes quando há a presença feminina entre os árbitros.

Para uma das torcedoras, o vocabulário dirigido às auxiliares é agressivo e evidencia ainda mais o machismo nos estádios. Outra destaca que as agressões verbais são as mais variadas possíveis.

Também já presenciei jogos com bandeirinhas mulheres e os comentários que vinham das arquibancadas sobre elas eram horríveis. "Piranha", feia", "gostosa", chamam de tudo. Além das músicas que todas as torcidas cantam, altamente machistas e babacas (Torcedora do Fluminense, idade entre 30 e 34 anos, moradora de Minas Gerais)

Neste ponto, pode-se perceber que ambas as linhas apresentadas por Buarque de Hollanda (2010) se fazem presentes. O comportamento destacado pelos relatos pode ser motivado pelas duas teorias citadas: tanto pelo anonimato quanto pelo contágio durante os atos. Por fazer parte da massa, o indivíduo repete o comportamento coletivo, sentindo-se, assim, integrado ao grupo.

4. 2 Os estereótipos presentes nos resultados

Analisando os dados apresentados pela pesquisa, é possível perceber a presença de alguns estereótipos, citados no capítulo dois, no ideal masculino. Levando mais a fundo a reflexão sobre as informações obtidas, há uma espécie de “lógica” no comportamento masculino que remete aos pré-conceitos associados às mulheres no mundo do futebol.

4.2.1 A ideia de mulheres ignorantes ou desconhecedoras de futebol

Um relato bastante recorrente na pesquisa qualitativa é o desmerecimento da opinião feminina. Costa (2007) destaca que o futebol e as idas ao estádio se tornaram fortes instrumentos de socialização masculina, mas que o mesmo não aconteceu com as mulheres.

Em alguns países, esse esporte incorporou e disseminou, durante um longo período, uma série de “valores andriarcais” (DUNNING, 1997, p. 323) e a torcida com seus gestuais, seu vocabulário e seus rituais, ao longo dos anos, se configurou como espaço simbólico e concreto de exaltação dos “atributos masculinos de potência, virilidade” (Toledo: 1996, p. 65). Sendo assim, é possível imaginar um bom número de obstáculos surgidos para a inserção e principalmente para a legitimação das mulheres como torcedoras nesse espaço de masculinidades exaltadas. (COSTA, 2007, p. 2)

Assim, no Brasil e em outros países, o futebol passou a fazer parte do papel de gênero imposto aos homens. Já para as mulheres, o esporte não faz parte de sua socialização, e quando ele desperta, mesmo assim, um interesse delas, existem diversos mecanismos que visam afastar ou enfatizar que esta torcedora não está em seu devido lugar de acordo com o que a sociedade espera dela.

Sendo assim, é grande o grau de familiaridade que muitos homens possuem com o futebol e isso faz com que tanto seu interesse quanto seu conhecimento acerca desse esporte sejam tomados como uma espécie de segunda natureza masculina. No caso das mulheres brasileiras o panorama é bem diferente, pois, ao contrário dos homens, elas costumam ser dissociadas do esporte mais popular do país. Daí a necessidade de mostrarem que não apenas gostam, mas que também são capazes de compreender o futebol em seus múltiplos aspectos. Afinal elas carecem de credibilidade como torcedoras. (COSTA, 2007, p. 3)

Desta maneira, pelo fato de as mulheres serem socializadas mais distantes do futebol e, por consequência, haver um estereótipo de que elas não se interessariam pelo esporte, é gerada uma desconfiança muito grande na capacidade de elas de fato amarem o esporte e até mesmo compreendê-lo (COSTA, 2007). Assim, baseados nesses preconceitos e pela hierarquização (também de conhecimentos) entre homens e mulheres, muitos torcedores acreditam entender mais de futebol que as torcedoras.

Vale destacar que alguns depoimentos que confirmam esse tipo de comportamento dos torcedores. Diversas torcedoras reportaram uma reação ora de surpresa com o conhecimento sobre futebol, ora agressiva pela divergência de opiniões. Quando diante de uma opinião diferente, muitos torcedores diziam para participantes “calarem a boca” por não entenderem nada de futebol (por serem mulheres), como pode ser observado no exemplo abaixo.

Fora o clássico “mulher não entende nada de futebol”, também já ouvi xingamentos do tipo “só usa o futebol pra tentar arrumar macho”, “cala a tua boca que você é mulher” e já me ofenderam várias vezes por discordar de alguma opinião deles também (Torcedora do Palmeiras, entre 25 e 29 anos, moradora de São Paulo).

Outros depoimentos denunciavam torcedores que tentavam desmerecer a opinião das mulheres, associando-as aos serviços domésticos, como “lugar de mulher é lavando louça”, algo ainda muito atrelado como parte da natureza feminina, como foi discutido no capítulo anterior. Muitas dessas torcedoras declararam ter escutado desses agressores que o estádio não era o lugar delas e que não deveriam estar ali, demarcando este ambiente como um local masculino.

Este comportamento de desmerecimento ou até mesmo desconfiança da opinião feminina está fortemente associado ao estereótipo de que as mulheres não entendem de futebol, uma espécie de permanência da “grã-fina do nariz de cadáver” (RODRIGUES, 1993) no imaginário futebolístico brasileiro. Com isso, as torcedoras acabam se deparando com situações onde os homens exijam que elas provem que detêm o conhecimento sobre o assunto com alguns tipos de “testes”, como nos já “tradicionais” pedidos para dizer qual é a escalação do time de coração em determinado ano ou como se explica a regra do impedimento¹⁸.

4.2.2 Menor incidência de assédio entre as “tias”

Um desses estereótipos abordados no capítulo dois foi o das “tias”. Representadas por senhoras de idade mais avançada, essas personagens estão marcadas na história do futebol brasileiro, sempre revestidas com características de docilidade e gentileza, como é o caso da tia Ruth, torcedora-símbolo do America-RJ.

Torcedora-símbolo de um dos clubes mais tradicionais do futebol carioca, a velhinha de 91 anos costuma entrar no campo para cumprimentar os jogadores, a quem se refere como “queridinhos” (GLOBO ESPORTE, 2016)¹⁹

Percebe-se que a mídia dá continuidade ao ideal de mulher dócil, principalmente quando se trata de mulheres mais velhas, ao reproduzir e potencializar esse tipo de discurso. Vale destacar que a observação não aponta para má fé, mas sim para uma ideia enraizada na sociedade. Assim como o resto da população, os jornalistas estão suscetíveis a perpetuarem uma fala que é naturalizada.

¹⁸ <https://www.youtube.com/watch?v=l8t2e2uDd8U>

¹⁹ <http://globoesporte.globo.com/rj/serra-lagos-norte/noticia/2016/08/tia-ruth-invade-foto-oficial-do-america-mas-justifica-fui-chamada.html>

Não é preciso visitar o lar de Dona Zica para perceber seu amor pelo clube, já que ela e a camisa do Mais Querido são inseparáveis. Mãe, avó e esposa, a torcedora é dona de uma família totalmente apaixonada pelo Flamengo (FLAMENGO, 2014)²⁰

Como é possível observar no exemplo acima, também há a frequente associação das mulheres a questões domésticas, como cuidado com o lar, filhos, marido e, neste caso envolvendo uma senhora de idade mais avançada, netos. Por mais que essas torcedoras se afastem e se destaquem por fugirem dos papéis tradicionalmente atribuídos ao gênero feminino. Mesmo sendo uma torcedora tradicional do Flamengo, com uma história ligada ao maior ídolo do clube, Zico - dando origem ao apelido da torcedora -, dona Zica é definida como “mãe, avó e esposa”, o que reforça a visão da mulher como naturalmente voltada para as questões da casa e da família, principalmente por se tratar de uma idosa.

O comportamento do torcedor nas arquibancadas diante de senhoras de idade avançada parece ser diferente do que é apresentado perante as mais jovens. Das dez torcedoras com mais de 60 anos que responderam o questionário, apenas duas relataram ter ouvido comentários machistas. Enquanto 61% do *corpus* da pesquisa relatou ter presenciado algum tipo de abuso, esse número cai para 20% entre as senhoras mais velhas. A cantada, o assédio mais relatado pelas 1.375 torcedoras, sequer aparece entre esse grupo de idade mais avançada. Nesse grupo, 80% declararam que nunca se sentiram incomodadas ou intimidadas por homens por serem mulheres (número muito superior aos 50,7% do *corpus*) e 60% não acreditam que o estádio seja pouco receptivo para o público feminino (no *corpus*, apenas 14,7% marcaram esta resposta). Uma dessas torcedoras destacou que se sente confortável quando vai às arenas de futebol.

Vou falar por mim, fico muito à vontade quando estou no estádio, dispenso qualquer programa por uma partida de futebol. E vejo que as mulheres no geral pensam assim. É só ver a quantidade de mulheres no estádio. Sinto-me em casa (Torcedora do Bahia, idade a partir de 60 anos, moradora da Bahia)

Os resultados obtidos entre as torcedoras mais velhas são bastante diferentes do que aqueles obtidos através das respostas das mais jovens. Apenas uma em cada cinco mulheres mais velhas encara o estádio como um local pouco receptivo às mulheres, enquanto esse número sobe para 85,2% nos números gerais da pesquisa. A principal hipótese levantada para tentar compreender este fenômeno é o fato de a figura da “tia” evocar nos torcedores um maior respeito por essas torcedoras de idade mais avançada, por elas conservarem no imaginário social

²⁰ <http://www.flamengo.com.br/site/noticia/detalhe/19200/a-rubro-negra-dona-zica>

um comportamento instintivamente maternal, ideia socialmente criada que se tornou naturalizada na cultura de boa parte dos países, incluindo o Brasil.

Para a ausência de relatos de cantadas pelas torcedoras de idade mais avançada, por sua vez, a hipótese levantada para explicar a situação é o fato de a cultura de massas pregar uma ideia de rejeição aos sinais da idade no corpo (WOLF, 1992), ou seja, o senso comum não encara a mulher mais velha como bela ou atraente. Assim, os torcedores que costumam praticar este tipo de assédio nos estádios não veriam senhoras como alvo de suas ações.

Desta maneira, estas duas hipóteses citadas acima poderiam justificar a diferença entre os números apresentados pelas mulheres de idade mais avançada e o *corpus* da pesquisa.

4.2.3 A ideia de “maria-chuteira” nas ofensas

A parte qualitativa da pesquisa possibilitou a análise de relatos de algumas das 31,3% de mulheres que relataram ter ouvido comentários machistas no estádio. Uma observação recorrente nos relatos foi a acusação de essas torcedoras irem ao estádio e usarem o futebol motivadas por uma busca de um companheiro para relação amorosa ou sexual, como mostra o depoimento de uma torcedora do Bahia.

Comentários machistas do tipo "mulher no estádio só vem olhar os jogadores", "não entende de futebol", "só vem se aparecer", e isso acaba intimidando a presença feminina. Seja por cantadas, seja por comentários machistas (Torcedora do Bahia, idade entre 18 e 21 anos, moradora da Bahia)

É importante destacar que a ideia inicial de maria-chuteira remete ao interesse em jogadores de futebol. Os depoimentos da pesquisa qualitativa, no entanto, mostram que essa ideia de que a mulher acompanha o esporte por interesse amoroso ou sexual se estendeu para homens do ambiente futebolístico, de uma maneira geral. Uma das torcedoras apontou a possibilidade de esse pensamento alimentar uma conclusão equivocada de que as mulheres desejam encontrar parceiros e, conseqüentemente, acarretar em um maior fluxo de cantadas nos estádios.

Sempre acontece de babacas - que não se pode chamar de homens - acharem que mulher está lá no estádio atrás de homem, e ficarem dando cantadas ridículas que acabam constringendo (Torcedora do Flamengo, idade entre 25 e 29 anos, moradora do Maranhão)

Uma questão levantada por uma das participantes da pesquisa qualitativa é o fato de esses homens que praticam os assédios, principalmente nos casos em que acusam as mulheres de irem ao estádio somente para encontrar uma companhia masculina, parecem não

acreditar ou compreender que torcedoras são motivadas a irem aos jogos por, de fato, apreciarem e se interessarem pelo esporte em si.

Na grande maioria o homem te olha como um objeto sexual ou que você está lá para caçar macho! Não entra na cabeça deles que você curte futebol e se você der uma resposta atravessada, pronto, você vira alvo de xingamentos (Torcedora do Palmeiras, idade entre 25 e 29 anos, moradora de São Paulo)

Uma explicação plausível para este fenômeno, assim como foi observado na continuidade do estereótipo de mulher ignorante, é o futebol, incluindo as idas ao estádio, ser tratado como instrumento de socialização masculina (COSTA, 2007). Por ser visto como uma tarefa intrínseca à natureza dos homens, uma grande desconfiança recai sobre o interesse feminino pelo esporte, fazendo com que esses torcedores duvidem da afeição das mulheres pelo jogo. Desta maneira, há a tentativa de atribuir outras razões à motivação dessas torcedoras para irem aos estádios, incluindo a busca por um namorado ou companheiro. As mulheres ainda são vistas tão dissociadas do futebol que até mesmo a hipótese mais óbvia - o gosto pelo esporte - é descartada, enquanto outras alternativas mais subjetivas e menos evidentes são mais consideradas quando elas estão nos estádios.

Assim como é observado na análise dos possíveis motivos para a ocorrência dos assédios e reprodução dos discursos que remetem a estereótipos anteriormente discutidos, é importante destacar que os próprios relatos da pesquisa qualitativa indicam a sobreposição de abusos que fazem referência a ideias associadas a diferentes tipos de estereótipos, como reportou uma torcedora do Sport.

Elogiei uma jogada de um determinado jogador do meu time e fui xingada de burra, que lugar de mulher é no fogão, que mulher só vai ao estádio pra ver perna de homem (Torcedora do Sport, idade entre 40 e 49 anos, moradora de Pernambuco)

Como destacado anteriormente, os próprios dominados podem incorporar e reproduzir o discurso dos dominantes, tornando naturais as relações de dominação ao ter sobre si a mesma visão de quem domina (BOURDIEU, 2002). Desta forma, não seria incomum ver mulheres que repitam ideias machistas associadas a estereótipos ligados ao público feminino no futebol brasileiro.

Muitos homens acham que mulher em geral na torcida é piranha. Existem mulheres que vão para a torcida, sim, atrás de homem, mas também existem e muitas que vão pelo time! (Torcedora do Botafogo, idade entre 22 e 24 anos, moradora do Rio de Janeiro)

No depoimento acima, a torcedora, que selecionou “comentários machistas” como o tipo de abuso já sofrido, buscou denunciar comportamentos inadequados de torcedores nos

estádios e reivindicar o direito de ser vista como uma verdadeira fã do time de coração. No entanto, acabou também reproduzindo um discurso preconceituoso e machista, o que evidencia como as mulheres (dominadas) estão suscetíveis a fazer coro ao discurso amplamente difundido pelos dominantes.

4.2.4 As cantadas como “elogios” às “musas”

O fato de existir uma constante tentativa de associar as torcedoras que se encaixam nos perfis estéticos do padrão de beleza vigente a musas dos clubes de futebol pode ser encarado como mais uma maneira de objetificar e hipersexualizar as mulheres. Desta maneira, seria plausível considerar certa influência da cultura de musas na ocorrência das cantadas, por exemplo. Gritos de “linda” ou “gostosa” são naturalizados na cultura futebolística nacional e foram citados pelas torcedoras nos depoimentos, uma delas afirmando se sentir humilhada quando escuta esse tipo de cantada.

É importante destacar que as cantadas muitas vezes são naturalizadas, encaradas como situações “normais”. Na pesquisa qualitativa, duas torcedoras se referiram à ação como “elogio”, mesmo atribuindo a característica de “machista” na sequência da frase, assim como outra respondente afirmou não considerar cantada como abuso. Vale lembrar que esse tipo de manifestação pode ser caracterizado como contravenção penal de perturbação da tranquilidade, como citado neste mesmo capítulo.

Ao site do Governo Federal, a pesquisadora Tânia Fontenele, do Instituto de Pesquisa Aplicada à Mulher (Ipam) afirmou que esse tipo de comportamento não deve ser confundido com elogios, por se tratar da perpetuação de preconceitos machistas, e por acontecer justamente porque o assediador “se sente no direito de fazer o que quiser”²¹.

²¹ <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2016/11/cantadas-na-rua-sao-consideradas-assedio-sexual>

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A participação feminina nos estádios mudou consideravelmente desde a chegada do esporte ao país até os dias de hoje. Inicialmente vista como uma contribuição para o ar de nobreza nos estádios, a presença de mulheres neste ambiente era bem vista e até mesmo desejada nas primeiras décadas do século XX, quando o futebol ainda estava fortemente associado às famílias tradicionais e de alto poder aquisitivo, mas ainda distantes do protagonismo nas arquibancadas.

O início da década de 1940 marcou o surgimento das primeiras torcidas organizadas do país. Apesar de serem minoria, elas marcaram história dos grupos uniformizados. A torcida Organizada do Vasco (TOV) foi fundada por uma mulher, Aída de Almeida, e posteriormente presidida pela torcedora que ficaria marcada na história do Cruz-Maltino: Dulce Rosalina. Torcedora-símbolo do clube, Dulce superou preconceitos e papéis de gênero para comandar uma das organizadas mais importantes do Vasco.

Apesar de haver algum espaço para as mulheres dentro das organizadas, a presença delas nos cargos de liderança era considerada fato isolado - questão que pouco evoluiu quando comparada aos dias atuais. No geral, as torcidas também contavam com uma espécie de divisão sexual do trabalho nas atividades internas dos grupos. Era dado às torcedoras funções que são socialmente vistas como apropriadas para a “condição feminina”, sendo esta interpretada como uma vocação para se submeter às tarefas subordinadas ou subalternas oferecidas, incluindo tarefas que exigiam que obedecessem também a padrões de beleza, o que evidencia mais uma forma de controle sobre as mulheres.

Outro marco das torcedoras na história do futebol brasileiro foi o surgimento das torcidas exclusivamente femininas, a partir de 1970. A iniciativa mostrou a busca por um espaço para as mulheres na arquibancada. No entanto, assim como aconteceu quando chegaram aos cargos de poder nas organizadas, na década de 1940, as mulheres depararam com intolerância e machismo. Esse comportamento de incompreensão, por sua vez, não era exclusivo dos homens. As críticas à iniciativa também vinham de outras mulheres, o que evidencia que os próprios dominados podem acabar reproduzindo o discurso dos dominantes, mesmo se enquadrando no perfil dos prejudicados naturalizando, desta forma, as relações de poder existentes na sociedade (BOURDIEU, 2002).

O estádio é visto historicamente como um local predominantemente masculino, e esta visão foi reforçada nos anos 1980, quando as torcidas organizadas não somente passaram

a ser mais ligadas à violência, mas também a uma espécie de espaço para exteriorização das masculinidades. Por abrigar essas características, que são vistas como incompatíveis com os atributos tradicionalmente definidos como femininos, como a docilidade, a delicadeza e a ternura, as arquibancadas se mostravam incompatíveis com o ideal de mulher idealizado pela sociedade.

Os resultados obtidos através das 1.345 respostas de mulheres à pesquisa abordada neste trabalho mostram que os episódios de assédio ainda são uma triste realidade nos estádios do país, já que 61% das respondentes relataram algum tipo de abuso vivido dentro das arenas. Além disso, outra conclusão importante é que mesmo as mulheres que nunca sofreram nenhum tipo de assédio veem as arenas como lugares onde a presença feminina não é tão bem-vinda, já que 85,2% do *corpus* consideram que este ambiente é pouco receptivo às mulheres.

De fato, os resultados não-opinativos dialogam com a visão fornecida por essas mulheres. Foram reportados abusos como cantadas, comentários machistas, intimidação, xingamentos, difamação, abuso sexual, dentre outros. Esses acontecimentos evidenciam que o tratamento recebido pelas torcedoras nos estádios ainda está bastante distante de um tratamento respeitoso e igualitário.

Vale destacar a importância dos relatos das torcedoras para que este trabalho se tornasse mais completo, abrangendo melhor as dificuldades encontradas por essas mulheres. A repetição de depoimentos indicou, em diversas oportunidades, que determinadas frases ou comportamentos são recorrentes nos quatro cantos do país. Todas as narrativas apresentadas contribuíram para mostrar uma perspectiva mais ampla e detalhada do que as torcedoras presenciam nos estádios brasileiros.

Além de números e relatos valiosos para melhor compreender a realidade do público feminino nos estádios, este trabalho identificou que quatro estereótipos de torcedora se formaram ao longo da história das mulheres no futebol: a ignorante, que não entende nada deste esporte; a tia, envolta de atributos maternais; a maria-chuteira, que vai ao estádio em busca de um jogador de futebol para namorar; e a musa, a torcedora que tem a beleza como principal qualidade, e não o amor ao time. Ao analisar as respostas obtidas pela pesquisa, foi possível concluir que esses estereótipos criados há tantos anos, quando a realidade feminina na sociedade era muito mais retrógrada, continuam sendo reafirmados nos assédios relatados pelas torcedoras no questionário.

Desta maneira, pode-se chegar à conclusão de que a perpetuação de ideias preconceituosas e estereotipadas, mesmo quando vistas como “brincadeira”, pode não somente tornar desconfortável a vida das mulheres, mas também colocar em risco a integridade física e psicológica dessas torcedoras.

O olhar sobre a situação das torcedoras na atualidade mostra que ainda existem muitos tabus e obstáculos a serem superados para que o futebol seja, de fato, o local tão democrático que muitos afirmam ser.

É importante destacar a dificuldade para encontrar trabalhos anteriores abordando a história, o preconceito e o assédio vividos pelas mulheres que frequentam os estádios brasileiros. A literatura pouco aborda o histórico das torcedoras nas arquibancadas, dedicando a elas apenas poucas linhas de livros com centenas de páginas que centralizam toda a dinâmica futebolística na figura masculina. Mais uma vez, as mulheres foram invisibilizadas de uma história que ajudaram a construir, seja com o surgimento do termo “torcedor” ou a criação e presidência de torcidas organizadas.

Apesar de o passado e o presente das torcedoras serem pouco abordados na literatura, as referências bibliográficas utilizadas neste trabalho foram essenciais para que um breve histórico da presença das mulheres nos estádios fosse traçado, além de terem sido fundamentais para a identificação dos estereótipos que acompanham o público feminino no futebol desde a primeira metade do século XX. Os textos e sites utilizados também foram de extrema importância para a compreender e explicar a ocorrência dos fenômenos que foram identificados e levantados através da pesquisa.

Um dos pontos positivos deste trabalho é o fato de esta pesquisa ser inédita, contar com uma quantidade bastante relevante de participantes e trazer números que são de extrema importância para a compreensão da vivência das torcedoras nos estádios. As informações obtidas através deste estudo podem ser bastante valiosas tanto para pesquisadores quanto para profissionais da área de Comunicação ou Ciências Humanas e Sociais, de uma maneira geral. O assédio às mulheres, infelizmente, é algo recorrente na nossa sociedade, portanto é de extrema importância tentar compreender como ele acontece em cada grupo social, tanto no caráter aprendido quanto para combater este problema ainda tão presente na realidade não somente das torcedoras, mas do público feminino como um todo.

Outro ponto importante desta pesquisa foi a identificação da criação de estereótipos ligados ao público feminino nos estádios e como eles ainda são perpetuados, contribuindo para

uma cultura de depreciação e desrespeito com as mulheres nas arenas. Com este problema sendo apontado por este trabalho, espera-se que essas manifestações sexistas sejam gradativamente abolidas, proporcionando às torcedoras um ambiente mais receptivo e respeitoso.

A expectativa é que este estudo seja útil na contribuição para pesquisas futuras, tornando-se referência para outras pesquisas e trabalhos na área, já que a presença das mulheres nos estádios é cada vez maior e mais frequente. Além disso, as torcedoras estão cada vez mais conscientes do direito de ocupar este espaço e ser devidamente respeitadas. Não somente trabalhos acadêmicos, mas ações e debates sobre o tema, como aconteceu no I Encontro Nacional de Mulheres de Arquibancada, são essenciais para que haja maior visibilidade ao tema e avanços à situação das torcedoras.

Este trabalho não tem a pretensão de ser conclusivo sobre esta temática tão rica, ampla e ainda pouquíssimo explorada. A intenção é justamente iniciar uma discussão baseada nos dados e conclusões obtidos e contribuir para que mais pesquisas e estudos acadêmicos sejam realizadas neste segmento, que carece de análises mais profundas sobre o assunto. Além de ser visto como um esporte masculino dentro de campo e nas arquibancadas, o futebol também é estudado pelo ponto de vista de homens e a partir da história deles. A expectativa é que não somente trabalhos como este, que observa a realidade feminina no esporte, sejam cada vez mais recorrentes, mas que mais estudantes e pesquisadoras ocupem o espaço acadêmico para estudar o futebol e contribuir para um maior mapeamento da presença das mulheres no esporte, tanto no passado quanto no presente.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BABBIE, Earl. **Métodos de pesquisa de survey**. 1ª ed. Belo Horizonte: Edições UFMG, 1999.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- BIROLI, Flávia. O público e o privado. In: **Feminismo e política**. BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luiz Felipe. 1ª Ed. São Paulo: Boitempo, 2014, p. 31-46.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia: histórias de deuses e heróis**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- CAPPELLANO, Renata. **O torcedor de futebol e a imprensa especializada**. Juiz de Fora: UFJF, 1999, p. 28-29.
- COSTA, Leda Maria. O que é uma torcedora? Notas sobre a representação e auto-representação do público feminino de futebol. **Revista Esporte e Sociedade**, ano 2, número 4, Nov2006/Fev2007. Disponível em: <http://www.uff.br/esportesociedade/pdf/es405.pdf>. Acesso em 10 out. 2017.
- DAMATTA, Roberto. **A bola corre mais que os homens: duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.
- DRUMONT, Mary Pimentel. O machismo como sistema de representações ideológicas recíprocas. In: **O lugar da mulher: estudos sobre a condição feminina na sociedade atual**. LUZ, Madel T. (org.). Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982, p. 75-77.
- FONSECA, Janaína Zaidan Bicalho; MARTINS, Renata Cristina Guimarães. O processo metafórico em nomes próprios e comuns: um estudo das metáforas empreendidas entre *Maria* e suas variantes. **Revista Linguagem**, UFSCar 17ª Ed. 2º semestre de de 2011. Disponível em: http://www.letras.ufscar.br/linguagem/edicao17/art_fonsecaemartins.php. Acesso em 21 out. 2017.
- FOUCAULT, Michel. Poder-corpo. In: **Microfísica do poder**. 5 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017, p. 234-243.
- FREITAS, Henrique *et al.* O método de pesquisa *survey*. In: **Revista de Administração**, São Paulo, v.35, n.5, p.105-112, julho/setembro 2000. Disponível em: <http://www.utfpr.edu.br/curitiba/estrutura-universitaria/diretorias/dirppg/especializacoes/pos-graduacao-dagee/lean-manufacturing/PesquisaSurvey012.pdf>. Acesso em 24 nov. 2017.
- HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **O clube como vontade e representação: O jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2010.
- LARA, Bruna de *et al.* **Meu amigo secreto: feminismo além das redes**. 1 ed. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2016.
- MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Edusp, 1974.

MENDONÇA, Maria Zilka Farias de. Teoria feminista e dominação masculina: aspectos de continuidade e seus efeitos para as Relações Internacionais. **Neari em revista**, vol.1, n.2, 2015, p.15-27. Disponível em: <http://www.faculdedamas.edu.br/revistafd/index.php/neari/article/view/355>. Acesso em 15 nov. 2017.

MOURA, Solange Maria S. R. de; ARAÚJO, Maria de Fátima. Maternidade na história e a história dos cuidados maternos. **Psicologia, ciência e profissão**, Brasília, v.24, n.1, pp. 44-55, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v24n1/v24n1a06.pdf>. Acesso em 29 out. 2017.

MURAD, Mauricio. **A violência e o futebol: dos estudos clássicos aos dias de hoje**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007, p.16.

RÉGIS, Fátima. Memória e esquecimento na Grécia Antiga: da complementaridade à contradição. **Logos: Comunicação e Universidade (Comunicação e Memória)**, Rio de Janeiro: Faculdade de Comunicação Social UERJ, ano 4, n. 7, p. 20-24.

RODRIGUES, Nelson. Um escrete de feras. In: **A sombra das chuteiras imortais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 161-165.

RODRIGUES FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro**. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.

STAHLBERG, Lara Tejada. **Mulheres em campo: novas reflexões acerca do feminino no futebol**. São Carlos: UFSCar, 2013.

STYCER, Maurício. **História do Lance!** – Projeto e Prática do Jornalismo Esportivo. São Paulo: Editora Alameda, 2009.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara. **Torcidas jovens cariocas: símbolos e ritualização**. Revista Esporte e Sociedade, ano 3, número 7, Nov.2007/Fev.2008. Disponível em: <http://www.uff.br/esportesociedade/pdf/es202.pdf>. Acesso em 10 out. 2017.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas: Autores Associados/Anpocs, 1996.

VIANNA, Cynthia Semíramis Machado. Da imagem da mulher imposta pela mídia como uma violação dos direitos humanos. **Revista da Faculdade de Direito da UFPR**, Vol. 43, n. 0, 2005. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/direito/article/view/6991/4969>. Acesso em 31 de out. 2017.

WOLF, Naomi. O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

Websites

DIBRADORAS. **‘Cada dia é uma luta, não vamos desistir’: união histórica de torcedoras dá recado ao machismo no futebol**. 12 jun. 2017. Disponível em: <http://dibradoras.com.br/cada-dia-e-uma-luta-nao-vamos-desistir-uniao-historica-de-torcedoras-da-recado-ao-machismo-no-futebol/>. Acesso em 26 nov. 2017.

DIBRADORAS. **Coisas que mulheres que gostam de futebol não aguentam mais ouvir**. 11 set. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=l8t2e2uDd8U>. Acesso em 26 nov. 2017.

ESPN. **Elas já são 40% dos sócios da Gaviões da Fiel, mas ainda precisam lutar contra veto de encostar em bandeira e tocar bateria**. 09 out. 2017. Disponível em: http://espn.uol.com.br/noticia/733641_elas-ja-sao-40-dos-socios-da-gavioes-da-fiel-mas-ainda-precisam-lutar-contraveto-de-encostar-em-bandeira-e-tocar-bateria. Acesso em 26 nov. 2017.

FLAMENGO. **A rubro-negra Dona Zica**. 31 jul. 2014. Disponível em: <http://www.flamengo.com.br/site/noticia/detalhe/19200/a-rubro-negra-dona-zica>. Acesso em 24 nov. 2017.

GOVERNO DO BRASIL. **Cantadas na rua são consideradas assédio sexual**. 27 nov. 2016. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2016/11/cantadas-na-rua-sao-consideradas-assedio-sexual>. Acesso em 26 nov. 2017.

GLOBO ESPORTE. **Musa do Brasileirão 2009: Giovanna Giorgetti**. 07 de jun. 2009. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/Esportes/Noticias/Brasileirao/musa/0,,MUL1185469-16810,00-GIOVANNA+GIORGETTI.html>. Acesso em 31 de out. 2017.

_____. **Regulamento do concurso "Musa do Brasileirão 2010"**. Disponível em: http://globoesporte.globo.com/StaticFiles/Futebol/2010/05/27/regulamento_musa_2010.pdf. Acesso em 31 de out. 2017.

_____. **Tia Ruth "invade" foto oficial do America, mas justifica: "Fui chamada"**. 28 ago. 2016. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/rj/serra-lagos-norte/noticia/2016/08/tia-ruth-invade-foto-oficial-do-america-mas-justifica-fui-chamada.html>. Acesso em 24 nov. 2017.

IPEA. **Errata da pesquisa "Tolerância social à violência contra as mulheres"**. 04 abr. 2014. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=21971. Acesso em 26 nov. 2017.

IPEA. **Tolerância social à violência contra as mulheres**. 04 de abr. 2014. Disponível em: http://ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/SIPS/140327_sips_violencia_mulheres.pdf. Acesso em 26 nov. 2017.

LIVRE DE ABUSO. **Abuso sexual**. Disponível em: <https://www.livredeabuso.com.br/abuso-sexual>, acesso em 11 nov. 2017

MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. Maria-chuteira. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/maria-chuteira/>. Acesso em 29 de outubro de 2017.

PORTAL UAI. **Quando o assédio sexual vira caso de polícia: mulheres coitadinhas ou mulheres sem voz?**. 19 set. 2013. Disponível em: <https://www.uai.com.br/app/noticia/saude/2013/09/19/noticias-saude,193830/quando-o-assedio-sexual-vira-caso-de-policia-mulheres-coitadinhas-ou.shtml>. Acesso em 13 nov. 2017.

